Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



LANA TURNER, que veremos esta época em «MENINAS DA ALTA RODA» e «ABC DA FOLIA», duas deliciosas comédias da M. G. M.

2.ª SÉRIE — N.º 24 — PUBLICA - SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS — LISBOA, 21 DE ABRIL DE 1941 — PREÇO: 1$50

A SONORO-FILME vai apresentar

a maravilha colorida de ALEXANDRE KORDA



Uma obra célebre que obteve da Academia de Hollywood
o primeiro prémio dos melhores truques!

2.ª série / N.º 24 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

21 de Abril de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

Vão começar esta semana na **Póvoa do Varzim** as filmagens exteriores do filme

"ALA, ARRIBA!"

DE LEITÃO DE BARROS E ALFREDO CORTEZ

Ala, Arriba!...
Ala, Arriba!...

Antecipamos com sincero júbilo a sensação de ouvir, nos nossos cinemas, o grito característico que acompanha a faina da campanha, ordenando-a e incitando-a, quando arrastam do mar os barcos para a praia...

É como se já todos os alto-falantes das salas portuguesas o fizessem ecoar aos ouvidos cinéfilos, acompanhando imagens da mais extraordinária e fotogénica beleza...

Ala, Arriba!...
Ala, Arriba!...

Leitão de Barros já partiu para a Póvoa do Varzim. A equipa de filmagens, de que fazem parte dois operadores portugueses — António Salazar Diniz e Octávio Bobone — não tardará a reünir-se ao realizador. Artur Duarte, assistente geral do filme, tem multiplicado a sua actividade, sempre servida pelo mais sincero entusiasmo, na preparação do filme de Leitão de Barros e de Alfredo Cortez.

Os dois autores

Já dissemos quanto há a esperar da colaboração dos dois artistas. Tanto o cineasta como o dramaturgo já deram provas sobejas da sua capacidade criadora e do seu «sentido do mar», indispensável para tratar um tema como o do filme proposto.

Recordemos que Leitão de Barros começou com um documentário marítimo, «Nazaré, Praia dos Pescadores», a fase definitiva da sua carreira cinematográfica. E o maior êxito artístico do encenador das «Pupilas» foi, sem dúvida, «Maria do Mar», onde prepassava, em imagens de Manuel Luiz Vieira, tôda a beleza e tôda a tragédia dos pescadores da Nazaré.

Também à Nazaré foi Alfredo Cortez buscar o assunto para um dos seus maiores êxitos: «Tá Mar», a peça que Amélia Rey Colaço, Amarante, Adelina Abranches, Maria Clementina e Maria Lalande tão bem representaram no Teatro Nacional, em 1937.



Dois tipos magníficos de velhos poveiros, com o seu impressionante fato preto

Do trabalho em conjunto de dois «especialistas» da nossa etnografia litoral — não encarada sob o frio ponto de vista científico, mas animado pelo sôpro da dramaturgia, e fixado pela magia do Cinema — deve surgir uma obra que honre os seus autores e a produção nacional.

O auxílio do Estado

Mais uma vez o Govêrno demonstra cabalmente o interêsse do Estado pelas altas manifestações artísticas — e pela Cinematografia Portuguesa. O filme «Ala, Arriba!» só foi possível graças a um empréstimo feito pelo Fundo do Desemprêgo e a um subsídio do Secretariado da Propaganda Nacional. Já que os créditos particulares se mostram tão avessos e incompreensíveis às iniciativas de produção cinematográfica, é justo que o Estado, que mais duma vez tem podido verificar a fôrça propagadora do Cinema, auxilie os empreendimentos honestos e competentes que se apresentem.

Fotogenia do Mar

Fritz Lang declarou, um dia, que só uma coisa lhe metia mêdo sob o aspecto cinematográfico: o mar. Conceber e «fundar» *Metropolis*, a cidade utópica, lançar um foguete habitado até à Lua — nada lhe parecia difícil, ao lado da tomada de vistas dêsse grande actor, gigante multiforme e omnipotente. Tinha mêdo dêle, e recusava-se a filmá-lo.

Poucos realizadores, aliás, se têm atrevido a enfrentar o colosso. Flaherty e Epstein foram talvez os únicos estrangeiros que o apresentaram capazmente na tela branca. Porque o mar não é bem aquelas maquinetas complicadas da «Revolta da Bounty» e do «Capitão Blood», que espirram e esparrinham água diante duma *back-projection*. O mar — é o mar... E os portugueses, que não tiveram mêdo dêle nos descobrimentos, também não devem receá-lo agora, no Cinema. Por isso Leitão de Barros alinha com Flaherty e Epstein na lista reduzidíssima dos que souberam compreendê-lo e surpreendê-lo.

E por isso dizemos, a Leitão de Barros e ao Cinema Português, no limiar dêste seu novo filme:

Ala, arriba!...
Ala, arriba!...

B. F.

À Margem das Fitas

POR RAÚL FARIA DA FONSECA

O número do «Modern Screen» para Maio de 1941 (à venda em Portugal desde o princípio de Abril!) dedica um artigo de duas páginas ao filme «One Wight in Lisbon» (Uma noite em Lisboa), que termina dizendo: «a produção tem um orçamento de 750.000 dólares, ou seja, se isso nos interessa, exactamente 39.250.000 dólares menos do que a Inglaterra gasta, diàriamente, com a guerra.» Quere dizer, ainda: com a verba dispendida pela Gran-Bretanha num só dia de guerra, poderia fazer-se 53 filmes de 750.000 dólares!

Trazendo isso para o caso nacional, em que cada fita, para dar lucros compensadores, deve custar, o máximo, 600 contos aqueles 40.000.000 dólares chegavam para realizar 4.330 filmes portugueses!!

Mas, podemos ir mais longe. Com 1/24 dessa importância (ou seja: o que a Inglaterra gasta na guerra, por hora) Portugal editaria 180 filmes e com 1/1.440 (as mesmas despesas por minuto) fazer-se-ia a felicidade da Tobis, permitindo-lhe produzir três fitas!!-

E, o melhor é não continuarmos a mexer nos números, para não enlouquecermos...

* * *

Joan Crawford, a despeito da brilhante carreira artística nos domínios da 7.ª Arte, tem sofrido inclemências para manter o prestígio conquistado. Em tôdas as suas fitas, de há um ano a esta parte, foi obrigada a arrostar dificuldades de inclemências sem conto.

Por exemplo, em «Os Fugitivos da Guiana» levou metade do tempo de filmagem vestida andrajosamente e enterrada na lama. Em «As teorias de Susana» quási sucumbiu aos 140° Fahreneit (à sombra!!!) que teve de suportar, durante 3 dias, dentro dum pesadíssimo casaco de peles. Já quando da realização de «Mulheres», Joan Crawford passara dois dias dentro duma banheira de água quente.

Agora, segundo notícias de Hollywood, a pobre Joan viu-se na necessidade de fazer um verdadeiro milagre. Uma das cenas mais emocionantes da sua última fita «A Woman's Face» (Um rosto de Mulher), senão a mais emocionante, é aquela em que Joan, após certa operação plástica, com o rosto completamente tapado pelas ligaduras que deixam a descoberto apenas um ôlho e um canto da bôca, tem de exprimir dôr, mêdo e esperança.

* * *

Agora queridas leitoras — as idades dos vossos galãs favoritos. (Os leitores desculpem não lhes fazer outro tanto, com as estrêlas predilectas, mas... é feio dizer as idades das senhoras!)

Don Ameche	30
Fred Astaire	40
Lew Ayres	32
Warner Baxter	47
Charles Boyer	41
George Brent	36
James Cagney	36
Richard Carlson	29
Gary Cooper	39
Melvyn Douglas	40
Nelson Eddy	39
Douglas Fairbanks	33
Errol Flynn	31
Henri Fonda	32
Clark Gable	39
Cary Grant	31
Richard Green	26
Leslie Howard	48
Ian Hunter	40
Francis Lederer	34
Fred Mac Murray	32
Frederich March	43
Alan Mashal	32
Herbert Marshall	47
Tony Martin	28
Joel Mc Crea	35
Douglas Mc Phail	31
Ray Milland	34
Robert Montgomery	36
David Ninven	32
Laurence Olivier	34
Walter Pidgeon	42
Dick Powell	36
Willliam Powell	48
Tyrone Power	26
George Raft	36
Mickey Rooney	20
James Stewart	32
Robert Taylor	29
Franchot Tone	36
Spencer Tracy	40
Johnny Weissmuller	35

etc. ...

Isto, sem falar nos veteranos, como Charlot (com 52), Eddie Cantor (com 48), Ronald Colman (com 50), Wallace Beery (com 52), etc., etc...

Àparte Mickey Rooney, que mal pode ser considerado galã, o mais jovem é Tyrone Power, que conta 26 anos.

Como se vê... uma série interminável de crianças...

Acuda-se à Província!

por A. DE CARVALHO NUNES

—«Por onde é que se vai para a Província?»

—«Não tem que se enganar. Toma pela Calçada do Carriche, e pronto: já lá está!»

... ...

Ora sabe-se que não é assim. A Província não fica necessàriamente fora de portas. Nem o cacête do polícia-sinaleiro é varinha mágica que basta ser brandida, ora num sentido ora noutro, para que a fada má se desfaça em fumo.

Podemos encontrá-la em plena rua do Oiro ou surpreendê-la de conversa amena, à mesa do chá, numa confeitaria elegante do Chiado.

Se nos pedissem uma definição, tanto quanto possível exacta, diríamos que a Província é o lugar aonde os relógios em bom estado de conservação não conseguem, por mais corda que tenham, fazer andar os ponteiros.

Mas para todo o mal há remédio, mesmo quando êste não passe de simples paliativo.

O provinciano, sabendo que se mexesse nos ponteiros apenas sofismava a situação, procura antes a maneira de conseguir que o tempo acompanhe, como lhe cumpre, a marcha do sol.

O leitor que já passou por lá ou de lá não saíu experimentou, com certeza, a agradável sensação que dá o retinir duma campainha alçada no frontispício dum barracão mal encarado.

O cinema, com todo o seu prestígio de espectáculo n.º 1, surge como a tábua de salvação no mare-magnum da monotonia.

E porque há cinéfilos e cinema na Província, *Animatógrafo* desce apressado as escadas da rua do Alecrim e corre ao seu encontro, embora a sua presença se torne tão diáfana como o manto em que se rebuça o Bel-Tenebroso...

* * *

Foi precisamente da leitura amena das respostas do «Rei da Mala-Posta» que surgiu a idéia da viagem em espírito. Entre essas respostas encontram-se algumas que fazem adivinhar as respectivas preguntas.

De que se trata? De queixas, por vezes amargas, contra a forma por que são apresentados os filmes em certos cinemas.

Por outro lado, a voz queixosa dos exibidores faz-se ouvir também.

E neste passo difícil, levantamos o coração ao alto e invocamos tôda a ciência de Salomão, em busca duma sentença equitativa que sirva a qualquer cinema da Província, nò número dos quais se encontram alguns de Lisboa e doutras cidades.

É inegável que muitas salas exibem os filmes em condições verdadeiramente escandalosas, a ponto de estarem a pedir a intervenção das autoridades competentes.

Imagine o leitor da Província que realizou um filme de génio e que um dia essa obra prima é apresentada na sua terra natal, com aquelas interrupções a que já está mal habituado, com as falhas na projecção que nem por muito esperadas deixam de ser insuportáveis, tudo de molde a que, por de todo desfigurada, não reconheça na produção mais do que uma sombra do que ela foi.

Mas o seu nome, projectado diante dos olhos dos seus conterrâneos, em letras de palmo, ficou irremediàvelmente ligado ao confrangedor espectáculo, reponsabilizando-se por êle.

Acha ou não acha que é de se chamar a polícia? Não se pode classificar tal negócio—de venda de géneros em mau estado de conservação?

O exibidor, por seu turno, dirá que as despesas, e principalmente as receitas, não lhe permitem melhorias na instalação, que o público é escasso, e outras razões que apontará com perfeito conhecimento das realidades.

Não duvidamos. Deixamo-nos mesmo arrastar para êsse círculo vicioso com o abandono do fumador de ópio que estende o braço para alcançar o seu trigésimo cachimbo...

E acabamos por concluir que a culpa é do exibidor.

Eis as razões que nos levam a tal afirmação:

a)—o que admira não é que o público escasseie, é que ainda exista. (Não se deve, contudo, pôr demasiadamente à prova a resistência do aparelho ótico de cada espectador);

b)—não é hábito comercial o comprador ver-se obrigado a financiar o vendedor para poder realizar o acto da compra;

c)—uma vez na posse de capital suficiente, o exibidor devia saber o que estava a fazer;

d)—e sabendo-o, fêz mal em se sentar à porta à espera do público (a campainha não substitue completamente o ramo de loiro);

e)—por conseguinte, organizasse a tempo uma propaganda eficaz junto do meio que pretende explorar (no bom sentido da palavra);

f)—deveria escolher filmes mais adequados ao público a que êles se destinam.

Se o exibidor dispõe de máquina de projecção capaz, de capital que chega, se percebe do seu ofício, se fez uma propaganda inteligente, se deu filmes de boa qualidade, e, apesar de tudo, o público não acorreu de forma compensadora, então tudo e explica: o meio não comporta a exploração e há que tentar a sorte algures.

A não ser que prefira imputar o fracasso à crise e aos impostos, mas principalmente à crise—saco rôto onde cabem tôdas as impotências e incompetências.

É o caminho que se afigura mais cómodo. Mas não somos nós que o aconselhamos.

PANORÂMICA

O «Clube» e o Pôrto

Habituados a verem «Animatógrafo» cumprir sempre o que promete, poderão os nossos leitores estranhar que algumas das iniciativas que tomámos não se realizem imediatamente. Mas só quem desconheça as dificuldades, grandes e pequenas (e quantas vezes as pequenas são mais difíceis de vencer...), inherentes a qualquer coisa que saia da rotina cómoda e boçal, poderá acusar-nos levianamente da demora.

Assim, o «Clube do Animatógrafo», que todos os dias se enriquece com novas adesões, só não se tem manifestado por não querermos fazê-lo *de qualquer maneira*.

E, no entanto, poderíamos assinalar desde já uma grande vitória: O CLUBE POSSUI UM CINEMA PRÓPRIO! Tão retumbante notícia poderia ter enchido dignamente uma das páginas do nosso jornal. Se o não fizemos, é porque a notícia deverá aparecer *completa*, com todos os pormenores indispensáveis. Mas não deve tardar muito até que o possamos fazer.

O prometido concurso, reservado exclusivamente aos leitores do Pôrto, também está numa fase de activa organização. E não virá a lume sem que, em nossa consciência, pela sua perfeita organização e pelo valor e número dos prémios êle esteja à altura a que a dedicação de meia-dúzia de carolas profissionais e o entusiasmo de alguns milhares de leitores verdadeiramente assíduos conseguiram elevar «Animatógrafo».

As Obras-primas

Já também dissemos qual o motivo porque ainda não encetámos a nossa campanha de exibições destinada a rehabilitar pùblicamente as obras-primas cinematográficas consideradas «não-comerciais», a primeira das quais será, conforme anunciámos «As Mãos e a Morte», de Lewis Milestone, que a Sonoro-Filme distribui. Uma época excepcional, em que os êxitos se sucedem aos êxitos, dificulta a obtenção de semanas livres nos cinemas. «Animatógrafo» e a Sonoro tencionam, como se disse, alugar um cinema, para a apresentação dêsse filme, correndo assim êles próprios os riscos de «insucesso» que tôdas as autênticas obras-primas implicam, pela sua natureza fora do vulgar.

Mas verificamos com júbilo que alguns dos nossos primeiros exibidores, compreendendo as intenções e o alcance da campanha, puzeram as suas salas à disposição do nosso intento, para as primeiras datas que tenham disponíveis. Isso vem provar que nem sempre cai em saco roto uma ideia que procure defender os interêsses reais da Arte cinematográfica.

Aires d'Aguiar

Ja regressou de França, e teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos, o produtor português Aires d'Aguiar, que conquistou no cinema francês um lugar de primeira fila, pelas suas faculdades de iniciativa e pela honestidade inatacável dos seus processos.

Lamentamos que um profissional tão competente e empreendedor como A. d'Aguiar não aproveite a sua permanência em Portugal para produzir filmes portugueses. Sabemos, no entanto, que isso não é sintoma de «estrangeirismo» nem sinal de desinterêsse pela nossa indústria, mas apenas desejo legítimo de descansar.

Argumentos de filmes

A Editorial Globo, no intuito de satisfazer o interêsse crescente dos leitores da sua colecção «Argumentos de filmes» passou a publicá-los semanalmente e ao preço de um escudo. Anteriormente, cada fascículo custava mais caro e aparecia quinzenalmente. Agora, na cadência de um número por semana, procura-se acompanhar, tanto quanto possível, as estreias dos melhores filmes que se exibem no país. O conteúdo da publicação foi também melhorado porque, em vez de se publicarem três argumentos resumidos, como era costume, em cada fascículo só se dá o entrecho dum filme, cujo entrecho é mais pormenorizado e, conseqüentemente, valorizado.

Sem malícia

Lisonjeia-nos sobremaneira o interêsse que merecem à redacção de «Primer Plano» as ideias da redacção do «Animatógrafo». Muitas delas têm sido transpostas com brilho para as páginas do semanário madrileno, o que vem convencer-nos de que elas não são más de todo.

Já lá dizem os franceses: *Les beaux esprits...*

Uma exposição

Inaugurou-se no sabado, no salão de festas do jornal «O Século», uma exposição de caricaturas do artista algarvio Manuel Maria Laginha. A qualidade dos trabalhos expostos e o facto de focarem alguns dos mais célebres artistas do Cinema mundial, fazem com que recomendemos vivamente aos nossos leitores uma visita à bela exposição.

O que se escreve e o que se lê

Mota da Costa tem razão quando diz que o primeiro mandamento a respeitar pelos leitores dum jornal é êste: saber ler. E se o jornal é cinematográfico, mais importa à leitura que o leitor seja o menos analfabeto possível; porque estas coisas das fitas são complexas, e convém meditá-las muito atentamente, para se não ser injusto com quem as escreve.

É fácil emprestar ao autor dum artigo a primeira intenção que nos vem à cabeça. Basta, de duas, uma: ou começar a lê-lo com a idéia fixa de que o autor vai dizer determinada coisa, ou então, o que é muito mais simples, não o ler, e deixar que os outros nos venham falar dêle.

No primeiro caso, é preciso que o autor tenha de facto muita sorte ou o leitor muito pouca, para não encontrar um período, uma oração, uma palavra (às vezes um simples advérbio, uma humilde preposição...) onde não possa encaixar-se a intenção que quem lê empresta preconcebidamente a quem escreve.

A essa atitude, chama-se má fé. Mas a má fé pode ser inata, intrínseca, visceral; e quem a pratica quási se não dá conta do que lhe acontece.

No segundo caso — o simples, o de não ler o artigo — é inevitável que no próprio dia da publicação ou, quando muito, no dia seguinte, aparece um «amigo» que diz assim:

— Tu leste o que Fulano escreveu no «X»?... Aquilo é contigo.

E pronto; não há nada a fazer: tudo se passa, a partir de então, como se fôsse assim mesmo.

Se pensarmos agora que o «amigo» diligente que veio sacudir os nervos do «alvejado», pondo-o de atalaia contra os tremendos «ataques» de que é vítima, está geralmente nas mesmas condições de informação (isto é: também não leu, mas disseram-lhe...), resulta uma espécie daqueles cartazes em que aparece uma lata cujo rótulo reproduz o próprio cartaz, rótulo onde há portanto uma lata que também tem um rótulo igual, e assim sucessivamente. Séries semelhantes dão-me sempre a melhor e a mais vertiginosa noção de infinito; incha-me a cabeça, latejam-me as fontes, e sinto-me vogando num daqueles abismos em que o delírio febril nos precipita aí por altura dos 40 graus centígrados...

Tudo isto vem a-propósito dum artigo recente que escrevemos, e que foi mal interpretado por alguns daqueles falsos leitores a que aludimos.

Ora nós prezamo-nos de sempre ter falado claro e de satisfazer direito as nossas funções diuréticas. Por isso esclarecemos:

O artigo «O momento oportuno» não visava ninguém em especial, nem nenhuma pessoa, nem nenhum organismo. Procurava, como TUDO o que se publica no «Animatógrafo», desbravar e esclarecer os horizontes que hão-de abrir-se, QUER QUEIRAM QUER NÃO, diante da produção cinematográfica nacional. E definia nêle duas mentalidades antagónicas, que não são pròpriamente portuguesas, mas internacionais: a dos que querem que «se façam» filmes e a dos que querem «fazer» filmes. Estas duas mentalidades só são compatíveis quando quem é «capaz de fazer» também quere que outros os façam. Isto é verdadeiro para todos os escalões da hierarquia profissional, desde o comparsa ao produtor, passando por operadores, engenheiros de som, realizadores, etc.

Antes que nos convidem a esclarecer o que é claro e a definir o que é nítido, saibam quantos êste desabafo lerem que a mentalidade do tipo N.° 1 corresponde ao critério «industrial» dos que querem produzir filmes, e a mentalidade do tipo N.° 2 ao critério «comercial» dos que querem negociar com fitas feitas.

O que não faz sentido é que o destino dos que têm a mentalidade N.° 1 esteja dependente, em conseqüência duma mecânica social imperfeita, dos que têm a mentalidade N.° 2. E só quando deixar de ser assim teremos um Cinema Português.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

TRÊS GRANDES PRODUÇÕES EUROPEIAS
de Filmes Castello Lopes



Um dos maiores sucessos do cinema francês

HOMENS SEM MEDO

O filme das 10 grandes vedetas

Viviane ROMANCE e Jean MURAT

ao lado de Jules Berry, Bernard Lancrey, Aimos, Madeleine Robinson, Roger Karl, Pierre Magnier, Dalio e Jean Max

Um êxito sem precedentes no capítulo espionagem

A dulcíssima paixão da mais bela heroina de Stendhal:

Vanina Vanini



MAIS FORTE do que o amôr

Um par incomparável

Alida Valli e Amedeo Nazzari



MARIA CEBOTARI, a cantora que conquistou o público em «Sonho da Butterfly» e que conta mais um triunfo em

Uma voz que renasce

(TRAVIATA)

Um grandioso filme inspirado na lindíssima música de VERDI

CINEMA PORTUGUÊS

O PÚBLICO FICOU DESCONTENTE...

A propósito dos epílogos de certas produções

Dizia o meu vizinho de baixo (Augusto Fraga, que tôdas as semanas encontro a prègar do alto do muro da sua propriedade — *Ver, Ouvir e... Falar)* dizia êle, sensatamente, que, feitas as contas e tiradas as provas dos nove — o nosso público não gosta... mas está sempre ansioso por filmes de saloios. Já sondei várias pessoas e tôdas elas, pôsto de lado o rebuço que lhes oculta as opiniões sentidas e sinceras, confessaram que, mesmo sem ser necessário fazer contas, o público, verdade, verdadinha, gosta muito dos filmes de saloios.

Pois gosta, de certo, e só por ter predilecções tão ingénuas e simplistas fica, numerosas vezes, descontente com as soluções de certos c.nflitos, com os epílogos de certos filmes que lhe mandam do estrangeiro e são obras sérias, escritas, interpretadas e dirigidas por entidades competentes e que viveram já o suficiente para as escrever, interpretar e dirigir.

Quantas e quantas vezes, leitor que tens a bondade de me ler, não saíste do cinema aborrecido, contrariado, desapontado, porque a história filmada terminou por forma que te pareceu ilógica, disparatada, impossível de se aparentar com a vida?

E, no entanto, êsses epílogos são os únicos que tais filmes poderiam ter — embora isso pese à tua sensibilidade, à tua espectativa, ao teu desejo.

Não quero citar muitos exemplos — o que seria fastidioso, mas tomo a liberdade de escolher dois, dos mais recentes e significativos.

Lembro-me que no filme «O Outro», com Charles Laughton e Carole Lombard, tudo corria no melhor dos mundos possíveis (no pior, aliás, mas o público considerava-o o melhor, porque julgava prever a solução) quando, após o grande incidente, Carole, numa aparente reviravolta que era apenas a seqüência lógica da evolução da sua personagem, estragou tudo (para o público) negando-se a casar com o homem que vinha remir a sua culpa...

Um murmúrio de espanto, um sussurro de admiração e de desaprovação fez-se ouvir no cinema:

— Oh! Parece impossível!

E o público, que ficou descontente com a atitude de Carole, não mais procurou entender que era de facto aquela a única atitude que ela podia tomar. Aceitar o casamento com aquele homem era tornar-se cúmplice duma traição, duma infidelidade: era abrir um precedente tremendo para tôda a vida.

Cristãmente, a solução da tese debatida estava certíssima. Não foi, portanto, aéreamente, que certo órgão católico aprovou o filme, reconhecendo-lhe a sua «sã moral».

Mas o público ficou descontente...

Em «Kitty Foyle *(A rapariga da gola branca)*», o público, que segue visìvelmente interessado a história magistralmente vivida por Ginger Rogers, compreende tudo, mas quando, na última cena, no derradeiro plano do filme, a protagonista diz para o motorista: «Siga para o hospital de S. Timóteo»; quando o público verifica que a heroína não volta para junto do seu verdadeiro amor (mas amor impossível, amor que nunca poderá chegar à ascese duma união) mas vai casar-se com o médico pelintra e de rosto anguloso, a plateia solta um «oh!» desconsolado e sai descontentíssima... Porquê casar com o médico se ela gostava mais do outro que, além de tudo, era um bonito rapaz?

Pois a única solução do conflito era aquela, com pesar de quem não o aprova. Depois da primeira experiência mal sucedida, depois do primeiro casamento prejudicado pelos interêsses duma família rica e ociosa, como poderia Ginger voltar para junto dêsse homem, que nunca poderia compreender a vida sem luxo, sem dinheiro e sem ostentação?

Mas o público ficou descontente... As soluções mais elevadas e subtis, que pedem um mínimo de raciocínio e de atenção, maçam-no e fatigam-no. O senhor espectador pagou para que a menina casasse com quem êle muito bem quis — mesm. que fôsse disparate. O senhor espectador pertence ainda à categoria dos pais do século passado que enchem a galeria livresca de Camilo.

Enquanto o público, por comodismo, por educação ou por sentimento, navegar nas águas mansas de riachos, não lhe mostremos o oceano pujante e inquieto.

Tem razão o meu vizinho de de baixo: façam-se filmes de saloios...

* * *

Vejamos agora.

Pode parecer estranho que no artigo de hoje falemos no perigo de certos epílogos, de certos desfechos de filmes, já que o mal de que talvez enferme o cinema estrangeiro e o nacional pareça ser o de carência de bons argumentos. Todavia, o mal da cinematografia não é o de carência de assuntos. Entre nós, conhecemos algumas dezenas de «scenarios», inéditos, de boa qualidade, que podem dar esplêndidos filmes. Há também, na literatura portuguesa, obras que dariam bons dramas e excelentes comédias. Por isso, o estudo que aqui fazemos sôbre questões de géneros, estilos e outros pormenores relativos ao cinema é menos utópico do que pode parecer. No dia em que o nosso estúdio trabalhe com continuidade, ver-se-á assistir-nos razão quando dizemos haver material de valia para se fazerem bons filmes. E o exame dos epílogos e das reacções do público não nos pareça, conseqüentemente, fora de propósito — a bem do cinema português.

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Há meia dúzia de coisas que seria necessário dizer — e sobretudo ouvir — para que a produção portuguesa começasse a ser realmente orientada. Todavia, aqueles que lhes devem dar ouvidos só se interessam por elas quando a máquina «emperra», quando a produção não se encavalita, isto é, quando não fervilham projectos ou não se divisam realidades...

Quando há trabalho não se pensa em crise! Isto é uma teoria que parece certa, lógica até, se se não pensar nas conseqüências futuras ou no «dia de amanhã».

Se há fitas para fazer, se a fábrica da Tobis Portuguesa não está inactiva, ninguém pensa naqueles dias em que ela apresenta o aspecto triste de casarão abandonado com a sua população habitual reünida à mesa do «café», com ar desolado, disposta a procurar outro ofício.

Claro que o mal é não haver em Portugal produtores, pessoas capazes de organizar, administrar, levar a bom têrmo por bom caminho uma obra cinematográfica. Se existem não aparecem. E os que armam em tal não se dedicam a essa profissão exclusivamente. Na maioria dos filmes realizados até à data gastou-se, sem exagêro, muito mais dinheiro do que o necessário à realização de uma obra de maior vulto. Resultado: os capitalistas que de boa vontade financiariam filmes portugueses, convencidos de que se não faz obra asseada sem se esbanjar alguns milhares de escudos por falta de organização, de estudo — metem-se em copas. E a sua atitude é, pelo menos, aceitável.

As dificuldades que isso traz ao desenvolvimento do nosso Cinema são fáceis de calcular. Vive-se de produtores improvisados ou de distribuidores e empresários que têm necessidade de fazer fitas de vez em quando para valorizar o seu material estrangeiro ou chamar o público nas «férias grandes» quando as suas salas estão condenadas a menor concorrência.

Não se estuda a sério um plano. Não se começa pelo princípio. As fitas fazem-se — e morrem. Da experiência de cada produção nada se aproveita, porque não existe continuidade.

E é preciso havê-la!

É preciso que o Cinema em Portugal não seja uma arte estrangeira. Um país sem Cinema no século vinte é um país no passado, um país onde tudo é um eterno eco, um país em que tudo se limita a importar a vida do estrangeiro sem ter coragem de mandar lá para fora um bocadinho de paisagem, um pregão, uma rua duma cidade, um dramazinho de família...

Falou-se há pouco em aumentar o «plateau» do estúdio do Lumiar. Disse-se até que se ia fazer um «plateau» novo, a fim de se poder dar maior rendimento de trabalho. Depois, parece que se optou pela adaptação do velho armazém onde se fez a «Canção de Lisboa». E parece que é esta última hipótese a que está de pé.

Pois bem: discordamos inteiramente dela. O que se impõe é fazer o «plateau», o que é preciso é criar dificuldades cada vez maiores ao Cinema português para que se lhe encontrem soluções. É preciso sair-se da cómoda ideia de que três filmes por ano nos bastam. Quanto maiores forem as necessidades do nosso Cinema, mais à prova será posta a imaginação dos que nêle intervêm para encontrar soluções, para resolver aqueles problemas que surgem quando as fitas não vêm às revoadas...

AUGUSTO FRAGA

A PÁGINA DOS NOVOS

Um pequenino leitor escreve-nos sôbre filmes de "Cow-boys"

Joaquim Pinto de Lima, tem, quando muito, cinco anos e é um cinéfilo da melhor cêpa. Sabe distinguir e os seus gôstos e preferências revelam uma orientação própria de quem sabe — e muito bem, o que pretende e para onde vai.

Pois o nosso mais pequenino leitor escreveu uma carta de vinte linhas manuscritas que tornamos pública por ela encerrar um encanto particular e conter um grito de alma próprio do verdadeiro cinéfilo.

Passamos a transcrever, nas colunas da «Página dos Novos», sem alterar uma palavra, um acento ou uma vírgula, sem fazer emendas ou rasuras:

«Senhor...

«Tive muita pena ao vêr escrito no ultimo Animatógrafo que os filmes de aventuras de cow-boys não se tornam a fazer, eram os que eu gostava mais.

«Há dois dias que estou de cama, mas parece-me que é só de intestinos. Eu já fui ao São Luiz ver *Tom Edison*, o pequeno génio. Era muito cómico e eu gostei muito.

«Os filmes de cow-boys já não há mais por que os actores não querem fazer mais filmes dêsses.

«No Animatógrafo dizia que os actores que deixaram êsses filmes recebiam quási 12 mil cartas a pedir para que continuassem. E para despedida: um abraço do seu muito amigo

Joaquim P. de L. Pinto de Lima»

O nosso pequenino leitor gosta, como nesta casa todos gostam, dos filmes de vaqueiros, com lindos exteriores do Far-West, fogosos cavalos, tirinhos, correrias e perseguições. Gosta, como nós, do Cinema na sua essência mais pura, do Cinema movimento, do Cinema ar-livre, do Cinema que tem o sabor dum verso de Berenger.

Mas não se entristeça, Joaquim Pinto de Lima tem ainda dois palmos de altura. E os filmes de «cow-boys» que estão feitos e os que estão a fazer-se chegam para o entreter na sua meninês e na sua mocidade — se acaso um dia não vier a enfadar-se dos filmes hoje seus preferidos. Nada receie, portanto. Por um lado, trata-se dum género que conta milhares de adeptos, e como tal não desaparecerá, pelo menos tão cêdo. Por outro lado, há muita produção feita e que levará anos a ser exibida. Daqui a vinte anos, o nosso pequenino leitor, que tem a gentileza (e a paciência) de ler «Animatógrafo» da primeira à última página, ainda poderá sentir-se tranquilamente num cinema para admirar, como diz, «os filmes de aventuras de cow-boys...»

Como os colaboradores desta página decerto verificam, a cartinha do nosso mais pequenino leitor, merecia ser transcrita e arquivada nas nossas colunas...

A critica e os criticos

Desde que o meu cérebro teve a faculdade de desenvolver e assimilar ideias, habituei-me a disciplinar essas ideias, quando elas são sugeridas por obra alheia — ou recebidas por impressão de alheio sentimento.

Desde que, ajuizei o valor, a responsabilidade e a necessidade da crítica, estou compenetrada da sua função pela qual se morigeram ardências, estimulam faculdades e se apontam defeitos, com a virtude e o remédio para êles.

Estarei em êrro? Serão superfluas estas qualidades para a crítica?... Seja como fôr, julgo que sem elas se não pode ser crítico embora nos resolvamos a «criticar».

Que os críticos me relevem a intromissão, à conta de quem não sabe «criticar».

Em todos os tempos e em todos os países, se desenvolveu e desenvolve uma manifestação apreciativa ou depreciativa que, possuindo características semelhantes às da crítica, não pode ser a ela igualada. Bisbilhotice rafeira, linguareiros alarves, lisongeiros melífluos ou detractores descarados: não podem nem devem ser considerados críticos —embora a posição social, o lugar ocupado e a profissão exercida, lhes permita «criticar».

Criticos, são-no apenas aqueles que, integrados num meio, ou fora dele, enchem a caneta com a tinta da sinceridade e escrevem com o aparo da firmeza no branco papel da verdade.

Os outros—são o pretenciosismo que se desmascara a si próprio, servindo de alimento aos verdadeiros críticos.

Que perde o cinema com o «criticar»? Antes lucra, pois êsses pigmeus apenas conseguem fazer sorrir de desprêzo os que amam o gigante.

MARIA GIL

OS ORIGINAIS E AS ADAPTAÇÕES

Em volta das possibilidades do nosso cinema muitos comentários se têm tecido. No entanto parece poderem reduzir-se a dois. Dizem uns: o cinema português não se firma definitivamente porque uma boa produção custa cara e nós não temos dinheiro. Por outro lado os que possuem aquilo com que se compram os melões dizem: nós não vamos arriscar o nosso rico dinheirinho enquanto êles nos não mostrarem que são capazes de produzir uma boa fita. E assim, neste ciclo vicioso se gastam preciosas energias e se estagna uma grande fôrça nacional. Arrisquemos, nós também, mais uma opinião. Depois da falta de dinheiro, o que mais falta faz ao nosso cinema é um bom argumento. Dizem os entendidos que a literatura nacional é pobre de novelas de acção intensa. Não queremos desmentir nem confirmar essa opinião. Mas se aquela afirmação corresponde à expressão da verdade porque não se mobilizam as grandes penas portuguesas para o serviço do Cinema Nacional? Parece-nos no entanto que o Cinema Português ainda não esgotou as possibilidades da nossa literatura. Assim por exemplo o tão célebre «Amor de Perdição», ainda não foi filmado.

E no entanto já quando da produção de «O Trêvo de Quatro Folhas» as pessoas responsveis pela sua realização diziam no album e argumento dêste filme: «... que se pôs de parte a realização do «Amor de Perdição» apesar de o filme ser considerado sob todos os aspectos *o negócio mais garantido do Cinema Português*». E diz mais: «Debaixo do ponto de vista artistico era absolutamente certo que o «Amor de Perdição» conquistaria fàcilmente a crítica e as élites». E continua: «Valeria, portanto, o «Amor de Perdição», como uma das mais brilhantes e, ao mesmo tempo, uma das mais fáceis vitórias ganhos pela nossa juvenil indústria do cinema». Então por que se deixou perder essa verdadeira mina? A acreditar na mesma fonte de informação: «para ir ao encontro de um desejo manifestado pelo público». E porque: «As pessoas que assistiram com entusiasmo à exibição das «Pupilas» manifestaram o seu cansaço pelas versões cinematográficas das obras consagradas» (?!- Pasmo).

Porque não se filma pois, agora, o «Amor de Perdição»? Decerto que o tempo que passou sôbre as afirmações acima reproduzidas em nada diminuiu as possibilidades de êxito, antes pelo contrário.

O material é muito melhor e a prática muito maior. Além disso o exemplo do cinema americano enveredando pela produção de filmes altamente românticos, como «O Monte dos Vendavais» e «Rebecca» não é para desprezar. Se é certo que êste facto traz mais responsabilidades ao realizador nacional que quisesse trazer para a tela o «Amor de Perdição» pelas possíveis comparações que o público faria não é menos certo que aqueles filmes foram uma lição (sem desprimor, para a competência técnica dos nossos realizadores) ao mesmo tempo para realizadores e intérpretes, êstes últimos tiveram ensejo de ver representar no cinema papéis romanticos com a dignidade suficiente para não se cair no ridiculo e no exagêro. Os mestres do cinema apontam o caminho e o «Amor de Perdição» nada fica a dever em intensidade de acção dramática aos dois filmes anteriormente apontados. Meta-se ombros à realização reünindo um grupo dos melhores técnicos nacionais (que os há já muito bons) juntando neste filme os verdadeiros valores portugueses revelados em produções anteriores sob a orientação dum realizador ou até dum conselho de realização composto por três dos nossos melhores realizadores, que ao mesmo tempo que mostravam ao público a união e a decidida vontade da gente do cinema em melhorar o nivel das nossas produções, trariam para o Cinema Nacional aquela vitoriosa consagração que todos estamos desejosos de presenciar.

MAGRIÇO

CORREIO DOS NOVOS

CAVALEIRO DE RAGASTEUS (?) — A ideia do artigo é boa,é boa, muito boa mesmo. Mas o balanço que fez é incompleto e nem sempre justo. Um redactor nosso já tem uma côr parecida na forja, que sairá brevemente. Compare com o que mandou, e diga coisas depois, porque teremos prazer em lê-lo.

O PAR INVISIVEL — O «Andem-me com êle-» referia-se ao intervalo, que vocês atacavam, e muito bem. É expressão portuguesíssima, e significa que tudo o que fizerem contra êle é pouco. O artigo foi citado, como viram, na nossa campanha. Quanto à silhueta com que assinam os artigos, é pândega, mas roubaria injustamente espaço à página. É preciso não ser egoísta. Os outros também são gente. Alguma vez será.

J. V. C. D'ALBUQUERQUE — O assunto que foca, «Cinema Luso-Brasileiro», excede um tanto ou quanto os limites que não podemos deixar de marcar para a «Página dos Novos». E baseia-se em dados que não estão certos, como terá ocasião de ver, se continuar a ler o «Animatógrafo».

PINOCCHIO — Tem carradas de razão, no que diz no seu artigo, reclamando fotografias das artistas portuguesas! Passamos a vida a dizê-lo aos nossos produtores, mas êles imaginam que isso é despesa inútil. O artigo sairá, com tôdas as honras!

A BATALHA DO OIRO

Super-produção em technicolor da Warner Bros, que a S. I. F. vai apresentar e onde GEORGE BRENT E OLIVIA DE HAVILLAND vivem uma linda história de amor



Nesta cena de grande intensidade dramática, Olivia de Havilland tem um dos melhores momentos da sua carreira

Prepara-se, para muito breve, a apresentação, nos nossos cinemas dum filme de grande categoria produzido pela Warner Bros. em sociedade com a Cosmopolitan Picture. A Cosmopolitan é uma firma produtora, fundada por Marion Davies, e que prima na selecção dos filmes que lança no mercado. Basta dizer que os maiores êxitos artísticos de Paul Muni, como «Pasteur», foram produzidos pela Warner em colaboração com a Cosmopolitan —produtora e editora de obras de envergadura — para têrmos a garantia absoluta da qualidade do filme que a SIF vai agora apresentar.

Chama-se êle, em português, «A Batalha do Oiro». Trata-se dum drama emocionante que relata, por forma intensa e empolgante, a luta entre os camponeses da Califórnia e os pesquisadores de oiro nos recuados tempos de 1870. Um tema de amor, sadio e moral, atravessa o filme, amenizando e valorizando o fundo histórico da acção, que mantem um interêsse invulgar, constante e que absorve as atenções do espectador mais indiferente.

Um romance de Robert Ripley forneceu o assunto para uma notável super-produção

«A Batalha do Oiro» é a versão cinematográfica dum romance muito popular nos Estados Unidos, cuja literatura, pouco folheada pelo nosso público, tem sido muito divulgada através do Cinema. Êsse romance, «Gold is where you find it», forma um livro compacto, de quatrocentas páginas, e teve grande retumbância na América, onde várias edições se esgotaram ràpidamente. Clements Ripley, o autor, viu assim recompensado e até consagrado o seu esfôrço. Demais, para se aproximar do ambiente exacto do livro e para transmiti-lo fielmente aos espectadores de todo o mundo, os produtores da «Batalha do Oiro» deliberaram, e muito bem, realizar o filme em technicolor, utilizando para êsse efeito a câmara «Multiplane» — criada e utilizada pela primeira vez por Walt Disney — e que nos dá uma sensação de volume, de profundidade, de relêvo, enfim.

Natalie Kalmus teve o encargo de superintender nos trabalhos de filmagem em technicolor

Como o trabalho de filmagem exigia grande apuro e cuidado, aquele foi confiado a Natalie Kalmus, entidade experiente — como será desnecessário dizer-se, visto que o público já tem lido o seu nome em produções coloridas. Natalie teve como seu braço direito outro elemento de destaque, Allen Mc Davey. O operador foi Sol Polito, um dos mais competentes e experimentados fotógrafos de Hollywood.

Michael Curtiz teve o encargo da realização que é, podemos assegurá-lo, notável pelo equilíbrio e pela justeza dos processos, e muito valorizou o argumento assinado por dois mestres do género, Warren Duff e Robert Buckner.

O «Casting» reúne um núcleo de artistas de reconhecido mérito

Quanto à interpretação, ela está confiada a um núcleo de artistas cuja competência dispensa elogios.

George Brent e Olivia de Havilland são os protagonistas. À sua volta, gravitam nomes famosos e populares: Claude Rains, Margaret Lindsay, John Litel, Marcia Ralston, Barton Mc Lane, Tim Holt, Sidney Toler, Henry O'Neill, Willie Best, Robert Mc Wade, George Hayes, Russell Simpson, Harry Davenport, Clarence Kolb, Moroni Olsen, Granville Bates, Robert Homans e Eddy Chandler.

Uma história de amor muito do agrado das nossas plateias

Não pretendemos divulgar o que se passa na curiosa história criada pelo romancista Clements Ripley. Basta saber-se que nela se desenvolve um drama passional muito do agrado das nossas platéias e que dá ensejo a Olivia de Havilland para estadear as suas reais faculdades de actriz amorosa, gentil e em plena juventude. De resto, Olivia é bem conhecida entre nós; inútil se torna, portanto, falar das suas possibilidades e das características do seu importante papel na «Batalha do Oiro».

O título do filme, deveras sugestivo, não indica, porém, tratar-se dum dos muitos filmes do Far-West que enxameiam as nossas telas. Ripley foi escolher, para fundo do seu livro, um incidente histórico, mas Michael Curtiz pretendeu, principalmente, contar um romance de amor de suaves contornos e delicadas situações.

«A Batalha do Oiro», um filme modelar, no seu género

«Animatógrafo» que conhece a categoria do filme a que nos referimos, ousa chamar a atenção dos apreciadores de bom cinema para uma obra modelar e que constitui delicado entretenimento. Sabemos que a «Batalha do Oiro» tem uma categoria que a coloca a par de muitas outras produções de elevado quilate. O seu «casting» técnico e artístico constitui outra garantia de êxito.

Acreditamos, pois, sinceramente, que o público saberá premiar a obra de Curtiz com os seus aplausos e apreciar a história dramática por êle levada à tela com apurado gôsto e notável rigor de encenação.



Neste cenário admirável do Oeste, travou-se, em 1870, a grande luta entre os camponeses e os pesquizadores de oiro

GARY COOPER reaparece num filme de CECIL B. DE MILLE

«OS SETE CAVALEIROS DA VITÓRIA»

Uma espantosa super-produção colorida da PARAMOUNT

NORTH WEST MOUNTED POLICE ganhou o prémio da melhor montagem de 1940, atribuído pela Academia de Hollywood



Intimidar Gary Cooper? O contrabandista escocês sente-se dominado pelo seu sangue frio e o agente da polícia montada do Canadá ri-se do à-vontade do homem que brinca com as duas pistolas

E já regra dentro do espectáculo cinematográfico que qualquer obra de Cecil B. de Mille resulta um êxito clamoroso, daqueles que dão brado e ficam por muito tempo na memória do público. O grande realizador que tem atravessado a história do Cinema a coleccionar triunfos e a apresentar trabalhos sempre cheios de novidades, dentro dum mesmo estilo grandioso, emocionante e movimentado.

Mais uma vez a regra já tão conhecida se confirma gloriosamente em face do último trabalho do grande director e produtor — «Os Sete Cavaleiros da Vitória», filme de grande dinamismo e interêsse, completamente filmado a côres pela «Paramount» que nêle reüniu nada menos de dez grandes estrêlas e outros actores de grande categoria e justificado renome.

*

Gary Cooper volta às nossas telas depois de uma ausência grande demais para que todos os admiradores do seu magnífico talento não tenham já saüdades de o ver representar. O grande actor reaparece num papel semelhante aquele com que há quinze anos começou a sua carreira de triunfos e junta nesta fita mais uma grande criação às tantas que já passaram pelas telas de Lisboa. A seu lado, Madeleine Carroll, mais bonita que nunca, pela primeira vez filmada a côres confirma de novo ser a mais bonita e uma das mais talentosas artistas da tela. Mas há mais. Também Paulette Godard a escultural vedeta que Charlot revelou ao público, entra nos «Sete Cavaleiros da Vitória» interpretando uma curiosa e ardente figura de mestiça índia que se apaixona por um dos cavaleiros da vitória.

Ainda Preston Foster, Robert Preston, Akim Tamiroff, George Bancroft, Lynne Overman, Lon Chaney Jr., e Walter Hampden, figuram neste «cast» colossal reünido por Cecil B. de Mille para a sua primeira produção colorida.

*

São «Os Sete Cavaleiros da Vitória» um filme daqueles a que podemos, sem receio, chamar heróicos, daqueles que fazem vibrar, arrebatam e emocionam pelos seus lances imprevistos e pelo que dêles salta de energia. Para êste clima contribuiu intensamente a técnica de encenação em que Cecil B. de Mille é grande especialista, a perfeição de tôdas as interpretações — perfeição quási inexcedível porque todos os actores se apaixonaram pelos seus papéis — e ainda o argumento, inspirado numa das mais famosas e aventureiras corporações da América: a «Polícia Montada do Canadá».

Basta que se diga que nos tempos agitados em que a acção decorre já era norma a que ninguém podia faltar dentro da Polícia Montada, nunca levantar as mãos ou deixar-se desarmar fôsse em que circunstância fôsse. Nesta história de sacrifício e romantismo êste aspecto de valentia e audácia não foi esquecido e originou mesmo algumas das mais movimentadas cenas da película.

*

Na produção constante, variada e elevadíssima de Hollywood, os actores são freqüentemente obrigados a interpretar papeis que não são do seu completo agrado. Êste caso é mesmo mais freqüente do que se poderia julgar à primeira impressão. De tempos a tempos, porém, surge uma personagem para interpretar que apaixona o intéprete e, evidentemente, a qualidade do trabalho sente-se melhorada, quando assim acontece. Pois em «Os Sete Cavaleiros da Vitória» deu-se o caso verdadeiramente extraordinário de todos os actores gostarem em extremo do papel que lhes foi distribuído donde resulta que, nesta película, todos deram o mais que podiam, alguns até, depois de terem lutado àrduamente e moverem tôdas as influências, perante Cecil B. de Mille para serem incluídos no «cast».

Não deixa de ser curioso contar o caso de Paulette Goddard. Desde sempre a espôsa de Charlot teve por Cecil B. de Mille grande admiração. E desde os princípios da sua carreira, ainda sem o conhecer ambicionou trabalhar num filme por êle dirigido. Durante três anos a talentosa e formosa vedeta escreveu todos os dias um postal a Cecil B. de Mille a pedir-lhe um papel. De forma que o seu nome à fôrça de repetido, acabou por se tornar familiar. Cecil B. de Mille viu-a numa fita, achou-lhe grandes possibilidades mas, apesar de tudo a oferta dum papel nunca mais surgia. Quando se preparava a filmagem de «Os Sete Cavaleiros da Vitória» muitas actrizes disputavam o papel da crioula Louvette. Quási todos os nomes foram lembrados — desde Vivian Leigh, a Anna Sten, passando por Marlène, Louise Rainer e Simone Simon. Foi finalmente atribuído a Paulette Goddard graças a um estratagema de que se serviu com grande habilidade. Valendo-se da sua amizade com o chefe da «maquillage» da Paramount e com os encarregados do guarda-roupa da fita de Cecil B. de Mille, Paulette, um dia, surgiu diante dêste caracterizada e vestida para o papel da jovem índia apaixonada. Cecil B. de Mille impressionou-se e deu-lhe o papel. Duas semanas depois começou a filmagem e tôda a gente, do realizador ao mais modesto electricista ficou entusiasmada com a Louvette de «Os Sete Cavaleiros da Vitória».

*

Se os actores se entusiasmaram e contribuiram da maneira mais eficaz e dedicada para esta grande fita, também o entusiasmo dos produtores e técnicos pela sua obra não foi menor. A câmara através de tôdas as dificuldades e perigos foi levada a Sarkatchekan um dos mais formosos territórios reservados para os índios, para procurar obter certos efeitos panorâmicos de grande valor. E para se poder filmar sem interrupção nem submissão ao estado do tempo e às difíceis condições climatológicas foi gasta uma extraordinária fortuna a construir nos estúdios da Paramount alguns monumentais cenários.

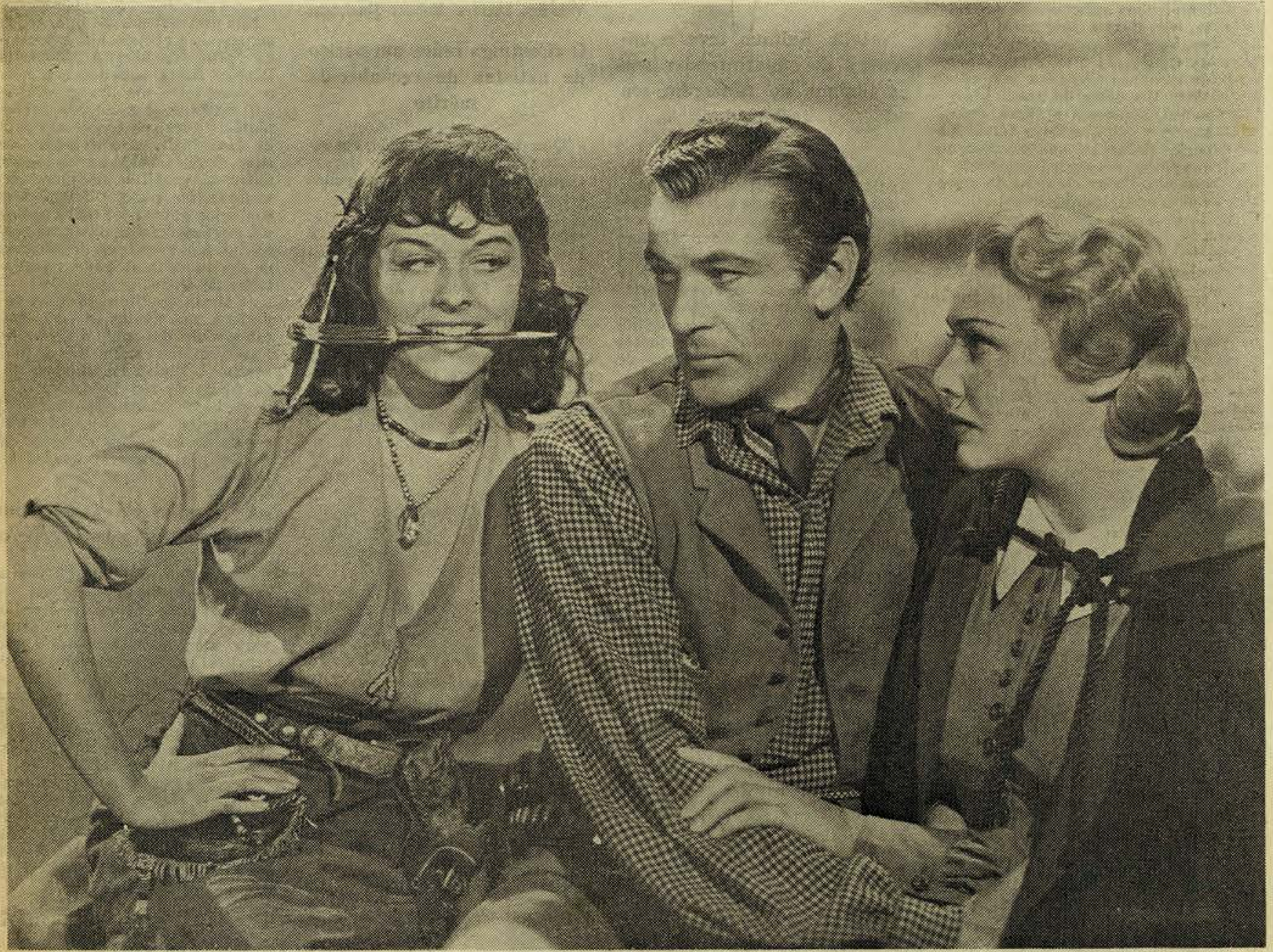
Uma floresta completa foi improvisada e a perfeição do trabalho dos técnicos decoradores foi tão completa que apesar das movimentadas cenas que aí se passam, entre as quais se conta uma revolta de mestiços e um acidentado tiroteio com a Polícia Montada, nada traiu o artifício antes resultou com uma verdade e beleza que o cenário natural, segundo os técnicos da technicolor, não teria.

Foi também necessário construir um povo índio completo, capaz de comportar uma população de trezentos índios que são quantos existem, entre puros e mestiços, todos contratados para figurarem neste filme.

Para ser completa a verdade do cenário todos os pormenores foram cuidados, dando isto, até, origem a alguns episódios cómicos.

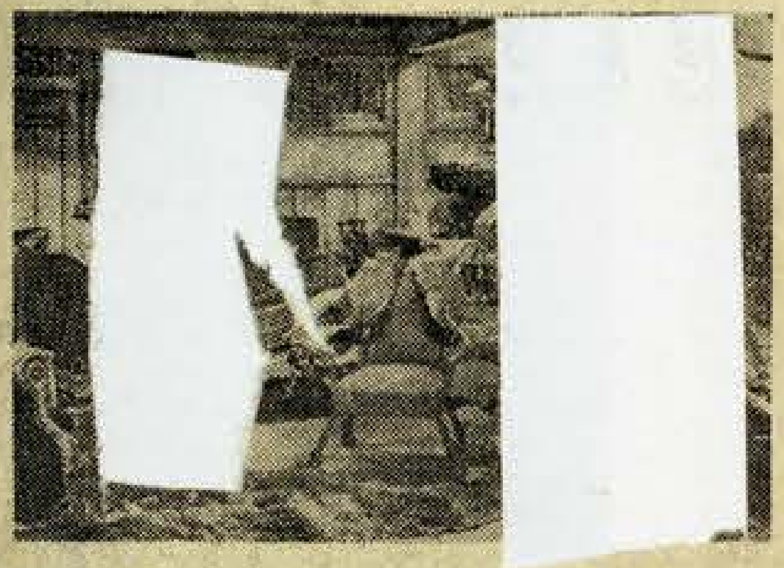
Feita assim, com êste escrúpulo, esta grandiosidade e êste entusiasmo, com tão grandes actores e um tão grande director não admira que «Os Sete Cavaleiros da Vitória» tivesse resultado um dos melhores filmes dos últimos tempos o que explica a consagração que lhe foi dispensada pelo público de todo o mundo e pela Academia de Hollywood que o premiou.

SILVIO LIMA



Armada até aos dentes, Paullette Goddard não consegue intimidar Gary Cooper, que tem em maior conta a presença de Madeleine Carroll

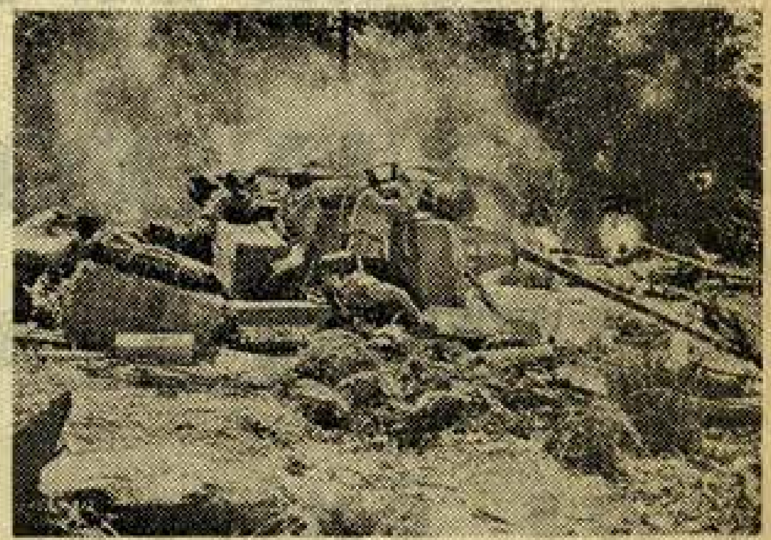
No próximo número novo artigo de
SUZANNE CHANTAL



Gary Cooper medita enquanto Preston Foster se despede de Madeleine Carroll



Há por aí algum valente que se atreva a lutar com Paullette Goddard?



A polícia montada do Canadá trava a grande batalha de que há-de sair vitoriosa

METRO ★ GOLDWYN ★ MAYER

A Companhia que tem produzido os maiores êxitos da tela

CONTINUA a ser a PRIMEIRA em 1940-1941!

Nos primeiros 6 meses (Outubro de 1940-Março de 1941) **desta temporada**

a **Metro-Goldwin-Mayer** apresentou 17 filmes

dos quais 9 (**mais de 50 %**) permaneceram nos cartazes dos cinemas de estreia

mais de uma semana! Foram êles:

"IDÍLIO MUSICAL"
"NINOTCHKA"
"MULHERES"
"O FEITICEIRO DE OZ"
"DE BRAÇO DADO"
"OS TEMPOS MUDARAM"
"OS MARX NO FAR-WEST"
"BALALAIKA" e
"TOM EDISON, O PEQUENO GÉNIO"

Dêstes filmes, dois bateram os «records» de bilheteira, respectivamente, do «São Luiz» e do «Eden»:

"NINOTCHKA" . . . 5 IAN
"BALALAIKA" . . . . 8 »

E os êxitos continuarão!...

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

CHARLES LAUGHTON, contratado pela RKO, vai interpretar «THE PLAY'S IS THE THING», de FERENC MOLNAR

Uma das grandes surprêsas do concurso dêste ano da Academia Americana, para muita gente absolutamente inexplicável, foi sem dúvida a não inclusão, entre os candidatos à melhor interpretação, do nome de Charles Laughton pela sua prodigiosa interpretação de Tony Patucci no filme «O Outro». Ela é sem dúvida a sua mais notável criação cinematográfica, bastante distanciada do seu Henrique VIII, do Capitão Blythe de «Revolta a Bordo», do sineiro de «Nossa Senhora de Paris» ou do seu espantoso Ruggles of Red Gape de «O Último Escravo».

Claro que essa ausência do areópago do Hotel Baltimore nada tira ao seu talento, nem certamente prejudicará a sua carreira. O seu nome goza já duma situação perfeitamente estável, que nada poderá alterar.

Disso é prova bastante a sua actividade actual.

Trabalhando neste momento nos estúdios da Universal, na produção de Henry Koster «Almost a Angel», Laughton acaba de assinar com a RKO-Radio, a companhia que o levou pela segunda vez a trabalhar no cinema americano, um novo contrato segundo o qual fará para a emprêsa de Gower Street três filmes por ano.

O primeiro trabalho dêsse contrato será a adaptação da peça do dramaturgo húngaro Ferenc Molnar *The Play's is the thing*, cujos direitos a RKO acaba de adquirir à Paramount. O «scenario» daquele filme será escrito por Samuel e Bella Spewack, que receberão pelo seu trabalho de adaptação cinematográfica a bonita soma de sessenta mil dólares, qualquer coisa como mil e quinhentos contos na nossa moeda!

Lewis Milestone será o realizador e ao lado de Charles Laughton aparecerá sua mulher, a actriz inglêsa Elsa Lanchester, que foi já a noiva do monstro de «Frankenstein».

ALICE FAYE e JACK PAYNE voltam a aparecer juntos em «The Straight Left», da FOX

O público é, no Cinema, mais que qualquer outra manifestação artística, o grande senhor. A sua influência é das mais consideráveis, das que fazem pensar duas vezes os produtores. Êle tanto pode aniquilar ou dificultar a carreira dum artista, como, dum momento para o outro consegue alcandorá-lo a situações insuspeitadas momentos antes.

A sua opinião faz lei. Os seus mais pequenos desejos são satisfeitos com a maior solicitude, pelos chefes das grandes emprêsas produtoras.

É exemplo frisante dessa influência o que se está passando com Alice Faye e o nóvel galã Jack Payne. Incluídos pela primeira vez num elenco dum filme, em «A Vida é uma Canção», o célebre «Tin Pan Alley» — que há poucas semanas o Tivoli exibiu e que na América, como bem se compreende, atingiu um êxito pouco vulgar — o seu êxito pessoal foi tão nítido que depressa Darryl Zanuck, indo ao encontro da vontade do público, expressa clamorosamente nos «guichets» das bilheteiras os reüniu de novo, em «The Great American Boadcast», um filme em que a rádio americana tem um papel de grande preponderância, como aliás, revelámos já aos nossos leitores.

Pois embora aquele filme esteja ainda em trabalhos de realização, mais uma vez a direcção suprema dos estúdios da 20th Century-Fox, lhes vai destinar uma nova película onde aparecerão juntos. Tem por título **The Straight Left**, e é um filme de carácter musical, como o são aqueles dois outros, tendo por ambiente os meios pugilísticos americanos.

Como se devem lembrar, já em «A Vida é uma Canção», Jack Payne interpretava a figura dum «boxeur» que procurava no «ring» os fundos indispensáveis para as suas edições musicais.

GREGORY RATOFF vai dirigir LORETTA YOUNG e MELVYN DOUGLAS

Argumentista, actor, realizador, Gregory Ratoff, um russo que a amizade e a protecção de Darryl Zanuck permitiram uma situação destacada em Hollywood, é uma figura das mais curiosas do Cinema americano. «Intermezzo», o notável filme que revelou ao público uma artista duma extraordinária sensibilidade e de grande talento, Ingrid Bergman e deu a Leslie Howard a mais sensacional interpretação da sua carreira, foi também a consagração de Gregory Ratoff como realizador, cujo prestígio o seu último filme «Adam Had Four Sons», de novo com Ingrid Bergman e Warner Baxter contribuiu para aumentar ainda.

Ratoff vai iniciar a realização dum outro filme de categoria, **Tonight is Ours**. «Esta Noite é Nossa», extraído da novela de Lady Eleanore Smith, «Ballerina», tem por intérpretes Loretta Young e Melvyn Douglas.

FITAS NA FORJA

- *THREE SONS O'GUNS, com Wayne Morris, Arthur Kennedy, William Orr e Lucille Fairbanks. Realização de Ben Stoloff. Fotografia de Arthur Todd. Warner Bros. (S. I. F.).*
- *REPENT AT LEISURE, com Klut Taylor, Wendy Barrie, George Barbier, Thurston Hall, Nella Walker, Rafael Storm, Ruth Dietrich e Cecil Cunningham. Dirigida por Frank Woodruff. Fotografia de Nick Musuraca. R. K. O.-Rádio.*
- *NAVAL ACADEMY, com Jimmy Lydon, Freddie Bartholomew, Joe Brown Jor., Pierre Watkin, David Durand, James Butler e Billy Cook. Realização de Erle C. Kenton. Fotografia de John Strumar. Columbia (Aliança Filmes).*
- *WASHINGTON MELODRAME, com Frank Morgan, Kent Taylor, Ann Rutherford, Dan Dailey Jor., Virginia Grey e Lee Bowman. Dirigida por S. Sylvan Simon. Fotografia de Hal Rosson. M. G. M.*
- *TOM DICK AND HARRY, com Ginger Rogers, George Murphy, Alan Marshal, Burgess Meredith, Jack Briggs, Leonore Lunergan, Jane Seymour, Joe Cunningham, Vicki Lester e Jane Pathern. Realizada por Garson Kanin. Fotografia de Merrit Gerstad. RKO-Radio Filmes.*

Realizadores alemães trabalham em HOLLYWOOD

A contribuïção alemã ao Cinema americano, no campo dos realizadores, tem sido das mais importantes e das mais representativas.

Foi primeiro Ernst Lubitsch cujo nome na América tomaria proporções extraordinárias; Alexander Korda, depois, nos tempos da First National e da sua famosa «A vida privada de Helena de Troia». E mais ainda Michael Kaertetz, o actual Mitchel Curtis; E. A. Dupont, o inesquecível animador de «Variedades» hoje à frente da redacção dum grande jornal americano; Wilhelm Dieterle, o antigo intérprete de «Nos Confins do Mundo» de Brigitte Helm o homem de «Pasteur», de «Zola» e de «Nossa Senhora de Paris»; Joseph von Sternberg, o descobridor de Marlène; Anatole Litvac, que no início do sonoro assinou algumas realizações da célebre série de comédias da UFA, e Fritz Lang que hoje parece ter encontrado no Cinema americano a mesma mestria e o mesmo «touche» dos seus bons tempos da Europa.

Há pouco, dois outros compatriotas seus se lhes foram juntar. Primeiro Reinhold Schünzel que para o Cinema da América contribuiu já com «O Turbilhão do Gêlo» e «Balalaika», o filme de excepcional carreira, dirigindo neste momento «New Wine», com Ilona Massey, a sua intérprete daquele filme. Agora Joe May, o veterano realizador do «Túmulo Indio», e notável encenador de «Canto do Prisioneiro», e de «Asfalto» volta, pela segunda vez, a trabalhar nos Estados Unidos, onde em 1934, com Erich Pommer realizou já «Music in the Air», de Gloria Swanson e John Boles.

Para a Universal, que hoje tem à sua frente dois grandes nomes de compatriotas seus — Pasternak e Henry Koster — vai Joe May realizar o filme *Hit the Road*, com os rapazes das «Ruas de Nova York».

«Birth of the Blues» é o título do novo filme de BING CROSBY para a PARAMOUNT

Bing Crosby é o artista n.° 1 da rádio americana, o seu mais célebre cantor. Os seus discos vendem-se aos milhares e as suas canções são ouvidas por milhares de pessoas. Além disso os filmes que interpreta (Bing tem também uma longa carreira no Cinema, desde que apareceu pela primeira vez no «Rei do Jazz», fazndo parte do trio célebre de cantores integrado na orquestra de Paul Whiteman) têm nos Estados Unidos um público fiel e numeroso: O que, diga-se de passagem, é de todo o ponto justo.

Para a Paramount que o tem, justamente, entre as suas figuras de primeiro plano, vai agora interpretar o filme «Birth of the Blues», que contará em imagens a história dos «blues».

De facto ninguém melhor que Crosby podia interpretar tal filme. Dir-se-ia propositadamente talhado para a sua extraordinária personalidade de cantor.

Monta Bell outrora operador de Charlie Chaplin e durante muito tempo realizador da Paramount, é o produtor do filme, e Victor Schertzinger, o homem que com a sua «Noite de Amor» de Grace Moore trouxe qualquer coisa de novo ao filme musical, é o realizador.

DEANNA VOLTA A ENCANTAR!

Duas imagens da última película de Deanna Durbin, «Data Memorável» (It's a Date) e em que a gentil estrêla, ao lado de Kay Francis, tem, na opinião unânime da crítica estrangeira . . .





. . . a melhor criação da sua carreira. «Data Memorável», produção Universal, distribuída por Filmes Alcântara, estreia-se no próximo dia 30, nos cinemas Odéon e Palácio.

LUCILLE BALL num filme da RKO

A resolução de Harold Lloyd, de trocar a interpretação pela produção de filmes interpretados por outros, foi acontecimento que, há bem poucos meses, provocou em Hollywood uma sensação de verdadeiro desapontamento pelo significado que um tal gesto resumia — o ponto final duma carreira excepcional, duma actividade prodigiosa cujo início coincide, verdadeiramente, com o alvorecer do cinema americano no tempo de Edison em San Diego, por volta de 1911,, passando depois pela provecta Universal, a seguir, com Mack Sennett em 1913, com Hal Roach em 1914, e em 1917 com a Pathé, onde o seu nome começa a impôr-se com segurança.

Havia, sem dúvida, da parte da gente de cinema, razão para isso. É que Harold Lloyd ficara, com Chaplin, sendo o último representante duma dinastia de cómicos que fez as delícias dos freqüentadores do Cinema da primeira hora, desde que dos estúdios desapareceram os nomes de Ford Sterling, Monty Banks, Billy Bevan, «Snub» Pollard, Charlie Murray, Ben Turpin, Buster Keaton, Clyde Cook, Al Saint-John e tantos mais.

* * *

O primeiro filme produzido por Harold Lloyd que, como se sabe — «Animatógrafo» deu já, a seu tempo, a notícia — faz parte do grupo de produtores da RKO-Radio Filmes, intitula-se a «Girl, a Guy and a Gob» e foi estreada há três semanas nos Estados Unidos. E aqueles que lamentaram então a resolução, inesperada e inabalável de Harold em abandonar o «écran», concordam agora que se perdeu um grande comediante, o Cinema encontrou nêle um orientador de qualidade no campo, sempre difícil, da comédia cinematográfica, um chefe de equipa a que a sua incomparável experiência, os seus profundos conhecimentos da Arte de fazer rir, como o perfeito conhecimento das reacções do público, soube prestar ensinamentos de inapreciável valor.

São disso testemunho as palavras com que um dos mais respeitados críticos americanos se referiu àquele filme: «Nesta sua primeira produção, Harold Lloyd prova à maravilha a sua extraordinária habilidade para fazer rir. Em «A Girl, a Guy and a Gob» soube imprimir a mesma movimentada animação, a irresistível, efervescente alegria que marcou os melhores dos seus próprios filmes». Dizer mais em tão poucas linhas, era, na verdade, assás difícil...

«A Girl, a Guy and a Gob», que se poderia traduzir por «A rapariga, o patrão e o marujo», embora não seja êste o título com que a Rádio-Filmes o vai apresentar muito brevemente, constitue um espectáculo divertidíssimo, um encadeado de situações cheias de espírito e de movimento, a que uma história impagável e mexida serve de fundo. A deliciosa Lucille Ball, que neste filme tem o seu primeiro trabalho de vedeta, George Murphy, o grande bailarino que se revela aqui um comediante notável e Eugene O'Brien, o galã de «Nossa Senhora de Paris», formam o «trio» protagonista desta magnífica comédia, excelentemente dirigida pelo realizador Richard Wallace.

M. R.

No próximo número:
Suzanne Chantal

CARTAS DUM CINÉFILO

Insubstituível director:

Acompanhei com vivo interêsse, como tudo que contribui para o engrandecimento e desenvolvimento do cinema nacional, o duelo de cartas travado entre os nossos colegas cineastas Adolfo Coelho e Roberto Nobre. O sr. director já encerrou a discussão mas no entanto eu desejava fazer a seguinte pregunta: o que querem êles dizer com aquilo? Era favor responder-me na volta do correio.

Eu também gostava de ter assim um conflito, mas só através das colunas dos jornais porque muita pancada por conta do cinema já eu apanhei.

A filmagem dos interiores dos «Lobos da Serra» já terminou. Sei que o filme vai em mais de meio e ainda não fui chamado para fazer qualquer coisa, apesar do sr. Brum do Canto ter lá o meu nome. Tenho direito a tomar parte nas fitas da «Tobis Portuguesa» e até agora ainda não consegui. Se isto continua assim qualquer dia vou lá abaixo à Bôlsa ver a cotação das acções da Tobis e se me convier vendo a minha. E se eu disser ao meu pai êle também vende uma que lá tem. Parece impossível o meu pai ter também uma acção daquelas, mas não é para admirar. Não vê que o autor dos meus dias teve sempre a mania de ser accionista dos grandes «trusts», para se dar ares.

Com que então a «Balalaika» já vai na oitava semana. Aquilo é que é um êxito. Eu estou daqui a ver a cara do júri que dá os prémios às fitas lá na América quando reparar que deu a primeira classificação a um filme e, afinal, aquele é que é o bom. Eu, se fôsse ao júri, demitia-me. Só à minha parte fui ver a fita quatro vezes e sempre que a vejo ponho-me a pensar: Quando se fará cá uma fita dêste género, com linda música e lindas fantasias? E assuntos naquele género também não nos faltam. Podia-se muito bem fazer uma fita com os lanceiros ou um esquadrão da G. N. R. O que é preciso é um realizador com garra porque argumento não devia ser difícil de arranjar.

E por hoje não lhe quero roubar mais tempo. Seu dedicado

Ignácio da Purificação

P. S. — Já depois de ter escrito a carta fui à Bôlsa mas não encontrei no quadro que lá está a cotação das acções da Tobis. Podia fazer o favor de me dizer a como fechou hoje a compra e venda?

I. da P.

A FEIRA DAS FITAS

«O SR. E A SR.ª SMITH»

(Mr. & Mrs. Smith)

Antes de mais há que observar que a personalidade de Alfred Hitchcok não parece coadunar-se com o género comédia, ou pelo menos que ainda não se mostra à-vontade nesse género, a que só raras vezes, aliás, se tem dedicado. Esta observação levará o leitor a concluir que o dedo do rechonchudo e talentoso encenador inglês deixou a sua marca, com bastante nitidez, na comédia da RKO a que me estou a referir. E não se engana. De facto, volta a encontrar-se em «O Sr. e a Sr.ª Smith» a *maneira* pessoal do realizador de «Rebecca» — na forma de compor os planos, nos processos de enquadrar as imagens, no *tempo* dado ao desenvolvimento das cenas e ao jôgo dos actores, etc. Isto basta para se avaliar a qualidade da encenação cinematográfica, que é servida por uma excelente fotografia de Harry Stradling.

O argumento da comédia e a respectiva planificação têm a assinatura de Norman Krasna, velho e competente colaborador dos estúdios de Hollywood, a quem se devem alguns assuntos originais de bastante interêsse (a novela de «Fúria», por exemplo) e várias adaptações excelentes, como a de «Mãisinha à fôrça». Krasna, desta vez, partiu de uma ideia feliz — sem grande originalidade mas engraçada e com conteúdo humano e social fàcilmente projectável na generalização, isto é, na comédia de costumes de boa traça, naquelas que contêm uma intensão moralizadora (no sentido lato) para além do objectivo de diversão espectacular. Mas, se o desenvolvimento da ideia-base começa bem, se de entrada se esboça um estudo de caracteres e se parece tentar-se a especulação metafísica (em estilo risonho, bem entendido) daquele mixto de incongruência e romantismo que caracteriza certos temperamentos femininos — depressa tudo isso é abandonado por um dêsses conflitos arbitrários, situados nas fronteiras da comédia e da farsa, que Hollywood tanto tem explorado nos últimos anos com indiscutível êxito sempre que o ritmo da acção é suficientemente veloz para não dar margem a quaisquer reflexões. Ora em «O Sr. e a Sr.ª Smith» não se verifica isso: o espectador tem tempo de sobejo para pôr a funcionar a sua «matéria cinzenta» e nunca chega, por isso, a ser arrastado pela maré apenas semi-viva que sobe no *écran*.

De certo pelo que atrás notei, é nas primeiras centenas de metros que se encontram as melhores coisas, quer no que diz respeito à encenação quer quanto à interpretação. Tanto Carole Lombard como Robert Montgomery têm nessa altura ocasião para mostrar o que valem. Depois pouco rendimento podem tirar das suas grandes faculdades de comediantes, embora ainda tirem o suficiente para ofuscar por completo o pobre Gene Raymond que não nasceu para competir com astros. Numa rábula sem possibilidades (Gertrude) aparece a sombra dessa grande actriz do cinema silencioso que foi Betty Compson. Quantos ainda se lembrarão dela na mulher perdida das «Docas de Nova-York», que era salva do suicídio e da prostituição por George Bancroft?

O acompanhamento musical do filme tem certo interêsse, apesar de mostrar alguns pontos de contacto com o de «Três sem juizo», que também era de Edward Ward, mas que não tinha int rêsse nenhum. É particularmente bem achada a intervenção da ocarina no feliz *leit-motiv* da partitura. Não quero pôr o ponto final nestas linhas sem me referir à péssima projecção da sala que apresentou êste filme. Quando se resolverão a substituir aquelas velhas, gastas e antiquadas máquinas? Enquanto não o fizer a sala referida continuará a mostrar incompreensìvelmente pouca consideração pelo seu público e pelos próprios filmes que apresenta, pois todos são prejudicados com essa projecção inenarrável. — D. M.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A VINGANÇA DE KIT CARSON» (Sonoro-Filme)
- **O «tempo» e o «tom» da realização de GEORGE B. SEITZ.**
- **Os magníficos conjuntos de exterior nos combates com os índios.**
- **A interpretação de JOHN HALL (Kit Carson), pela sua simplicidade e frescura, e de todos os restantes intérpretes masculinos.**

«BALALAIKA» (M. G. M.)
- **Por ter atingido a 8.ª semana de exibição, no Eden.**

«CHARLIE CHAN NO PANAMÁ» (Fox)
- **O interêsse dêste caso policial que se passa numa das zonas de segurança dos Estados Unidos.**

«GENTE NOVA» (Fox)
- **As duas canções e as cenas do furacão e da assembleia. Note-se ainda a dose de optimismo que faz esquecer certa lentidão com que o tema por vezes é tratado.**

«INFERNO VERDE» (Filmes Alcântara)
- **Na realização de James Whale há alguns momentos de emoção como os do ataque dos canibais, da cauterização das feridas, o sinistro ritual da tribu, o ciclone que assola a floresta.**

«OS FUGITIVOS DA GUIANA» (M. G. M.)
- **A inteligente adaptação cinematográfica de LAWRENCE HAZZARD.**
- **As interpretações de CLARK GABLE (Verne), JOAN CRAWFORD (Julie) e IAN HUNTER (Cambreau).**
- **A realização de FRANK BORZAGE.**
- **A fotografia de ROBERT PLANCK.**
- **As interpretações de PAUL LUKAS (Henler), ALBERT DECKER (Moll) e EDUARDO CIANELLI (Teley).**

«O SR. E A SR.ª SMITH» — Rádio Filmes
- **A direcção de ALFRED HITCHCOCK.**
- **A forma como é apresentado o conflito inicial.**
- **As interpretações de CAROLE LOMBARD e ROBERT MONTGOMERY.**
- **Os bons momentos da fotografia de HARRY STRADLING e do acompanhamento musical de EDWARD WARD.**

«CHARLIE CHAN NO PANAMA»

(Charlie Chan in Panama)

Desta vez o conhecido e astuto detective vai intervir num complicado caso de espionagem numa zona de defesa dos Estados Unidos. Isso faz-nos pensar que êste deve ser um dos mais recentes filmes desta série policial. O assunto está bem urdido e bem movimentado. E mais uma vez Sidney Toler, desembaraça o fio daquela meada, cujo fim não se adivinha fàcilmente — o que representa uma das principais qualidades dêste género de obras. Lionel Atwill, Jean Rogers, Hane Richmond, Jack La Rue encarregam-se dos restantes papéis — A. F.

«GENTE NOVA»

(Young People)

Shirley Temple ainda tem o seu grande público fiel, que gosta sempre de ver a sua figurinha no «écran». Aquela artista porém está numa idade perigosa — naquela idade em que as crianças mudam, idade perigosa, especialmente para uma artista de Cinema. Já não é menina... mas também não se lhe pode chamar senhora.

Êste filme segue as pisadas de outras suas obras anteriores. Comédia musical, que serve para ela evidenciar mais uma vez as suas habilidades de «music-hall», desenvolve-se num ambiente enternecedor, sentimental, mas lento por vezes. Há cenas bem feitas tècnicamente, como as do furacão e registo especial merece ainda o episódio da assembleia.

Ao lado de Shirley Temple, dois grandes comediantes impõem-se mais uma vez. São Charlotte Creenwood e Jack Oakie — dois admiráveis artistas que nesta época deram já duas admiráveis criações. Ela em «Feitiço dos Trópicos» e êle em «A vida é uma canção». — A. F.

«INFERNO VERDE»

(Green Hell)

Há certos filmes que deviam ser como os comunicados de guerra: não ter localização. Ganhariam, portanto, se cada espectador dêsse largas à sua fantasia quanto ao local onde se passa a acção. «Algures», «em qualquer parte», seria o melhor ambiente, o quadro preferível, para encaixar certas histórias com truculentas aventuras nas selvas. Êste é o caso de *Inferno Verde* que pretenderam localizar nas densas florestas do Amazonas, duzentos e cinqüenta quilómetros acima de

(Continua na pág. 18)

Titulos ilustrados



«Homens sem médo»

CINEMA DE AMADORES

O laboratório modêlo dum amador português

O Laboratório qualquer que êle seja, é uma colmeia onde se encerram os estudiosos ou os profissionais em investigações ou em busca de soluções.

O Laboratório cinematográfico, para não fugir à regra, é também um recinto onde se procura obter uma melhor qualidade de produção e se investiga observando a reacção de uma complicada mistura de engredientes e os seus efeitos nas películas cinematográficas.

Nem tôdas as pessoas sabem o que seja um laboratório de cinema. Imaginam um casarão sem luz com prateleiras onde se encontram frascos de todos os tamanhos e feitios com rótulos onde se lêem os nomes mais extraordinários e as coisas mais estranhas que se possam conceber.

Esta mesma impressão têm alguns amadores portugueses de cinema. Para êsses, o laboratório é uma coisa um tanto ou quanto vaga. Habituaram-se a enviar os seus trabalhos aos laboratórios dos estabelecimentos que lhes vendem as películas e a recebê-las prontas a projectar, desconhecendo, por um desinterêsse incompreensível, a engrenagem do laboratório cinematográfico.

Mas nem todos os amadores procedem assim. Há os que pacientemente e com um invulgar amor pelo que produzem, preparam em dependências das suas próprias residências um laboratório, mais ou menos apetrechado, consoante os seus conhecimentos e possibilidades. E aí passam grande parte do tempo que têm livre das suas ocupações.

Dêsses laboratórios particulares destacamos por considerarmos um dos mais perfeitos e completos, o de Álvaro Antunes, nome já conhecido dos amadores.

A «carreira» dum amador

Embora se suponha que não, pode fazer-se *carreira* como amador. É o caso de Álvaro Antunes, cuja fôrça de vontade e perseverança deve ser atendida e até mesmo seguida por aquêles que se interessam por esta curiosa modalidade que se chama cinema de amadores.

Iniciou os seus trabalhos de amador há cêrca de 15 anos com uma câmara Pathé de manivela de 9,5 mm. realizando um documentário familiar. Realizou seguidamente vários filmes documentários entre êles o da Exposição Colonial do Pôrto e em 1938 concorre ao 1.º concurso Pathé Baby com o filme de imaginação, *Sinfonia do Candeeiro*. Obtendo o 1.º lugar.

Sinfonia do Candeeiro era um filme curiosíssimo não só pela idéia exposta mas porque representava uma *fuga* à rotina das habituais produções de amadores.

Verificava-se neste filme uma quási perfeita unidade fotográfica e um meticuloso trabalho de laboratório.

Seguidamente inicia as filmagens de uma nova produção onde podesse patentear os seus conhecimentos de fotografia.

Durante meses numa aldeia em miniatura e em cenários interiores construidos propositadamente por Mateus Júnior, impressiona película para «Quadra Festiva».

E em 1940, concorre ao 2.º concurso Pathé Baby sendo o seu filme classificado em 4.º lugar.

O excessivo cuidado de iluminação, de interiores e a preocupação de que as *maquetes* resultassem preocupou-o mais do que o desenvolvimento da acção, prejudicando todo o filme.

Observava-se mais uma vez a boa qualidade fotográfica e a excelência do seu laboratório.

Últimamente executou todo o trabalho de laboratório do novo filme de Mateus Júnior «Casas brancas sôbre o rio».

A idéia do laboratório

Pegar numa câmara, filmar, entregar a película impressionada num estabelecimento da especialidade, recebê-la revelada e projectar em casa, eis a grande facilidade da cinematografia de formato reduzido.

Mas para os amadores mais exigentes, para aquêles que se interessam verdadeiramente pelo cinema e o cultivam com devoção, filmar e montar não basta. Desejam trabalhar com as suas películas, revelá-las, defenderem-se no laboratório de alguns êrros de exposição, realizando assim inteiramente as suas produções.

Foi o que se deu com Álvaro Antunes. A idéia de que em laboratórios estranhos lhe podiam estragar o filme que com mil cuidados andára a impressionar, atormentava-o.

E um dia resolveu tentar a revelação dos seus filmes. Começou modestamente e em condições deficientíssimas, um simples recipiente e pouco mais, num quarto onde entrava luz por vários lados.

Pouco a pouco foi aperfeiçoando os seus aparelhos, construiu peças que lhe eram necessárias, instalou-se devidamente nas caves da sua casa e hoje pode considerar-se com um dos melhores laboratórios particulares de amadores existentes em Portugal.

Em actividade

Vejamos o que é o laboratório dêste amador de cinema.

Um salão, vedado à luz, com um balcão, à volta onde se encontra montada tôda a aparelhagem indispensável à revelação de filmes. A película é revelada automàticamente não havendo necessidade de lhe tocar senão para montar.

Numa prateleira acima do balcão e ao comprimento do recinto estão os frascos contendo as mais variadas soluções para os banhos de revelação e fixagem.

O filme impressionado sai dos carregadores e entra em cuvetes de vidro, propositadamente feitas, onde sofre a primeira transformação química, passando por outros até à lavagem final e depois à secagem que é feita electricamente.

A instalação eléctrica está montada de forma a poder-se trabalhar com quaisquer películas. Há lâmpadas vermelhas para ortocromático e verdes para pancromático.

Possue ainda uma máquina de copiar podendo tirar as cópias que sejam necessárias, quer dum negativo, quer dum positivo.

Êste laboratório está tão bem montado que é possível revelar por dia cêrca de cem metros de película.

Não será fácil encontrar no nosso país um laboratório particular de amador que possa competir em limpeza, organização, montagem e perfeição de trabalho como o de Álvaro Antunes.

Conclusão

Podemos concluir que o cinema de amadores em Portugal não está tão descuidado como parece.

Há quem se interesse verdadeiramente por êle, sacrificando tôdas as distrações no empenho de obterem uma melhor organização associativa (A D A Filmes) e uma melhor qualidade técnica (Álvaro Antunes). Mas há muito mais e de tudo daremos conta sempre que para isso tenhamos ensejo.

João Mendes

"OBJECTIVA"

Reapareceu, perante aquêles que se interessam por fotografia e cinema, a revista técnica de amadores *Objectiva*, apresentando o mesmo cuidadoso aspecto gráfico que a caracterizara durante os seus dois primeiros anos de existência.

Artur Rodrigues da Fonseca dirige esta publicação, onde se patenteiam com exuberância, os seus vastos conhecimentos de foto-cinematografia de amador pondo-os assim à disposição dos iniciados nestas interessantes modalidades.

Dos colaboradores do n.º 1 da 2.ª série destacamos pelo interêsse da sua literatura os artigos dos srs. dr. Bernardino C. Saraiva, M. Alves San Payo, João Martins, Carmelino Callaya e especialmente o de M. Jesus Garcia pelo estilo gracioso com que foca problemas tão difíceis de resolver.

Felicitamos Artur Rodrigues da Fonseca por ter conseguido, numa ocasião tão grave, apresentar uma revista digna de ser lida por tôda a gente, especialmente os que se interessam por fotografia e cinema amador.

Oxalá *Objectiva* consiga vencer tôdas as dificuldades que o futuro incerto nos apresenta pouco a pouco.

ACTIVIDADE

★ Na sociedade portuense de amadores CONDOR, foi eleita recentemente uma nova direcção.

Oxalá iniciem agora a filmagem da produção há tanto tempo prometida.

★ Consta que alguns amadores de Setúbal vão juntar-se organizando uma sociedade a-fim-de produzir em conjunto.

NA PRIMEIRA «MATINÉE» DO

«Clube do Animatógrafo»

o nosso director fará uma conferência sôbre

A Evolução do Cinema

e serão exibidas películas célebres

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

600 — DINHAMÁ *(Lisboa)* — Fiquei com imensa pena de ti, desde que soube que assististe à exibição completa dêsse alucinante filme que se chama a *Seita do Círculo Vermelho*. — Com que então, na foto que o *Animatógrafo*, publicou «a Carole parece uma varina e o Charles Boyer uma lavadeira de Caneças»!? Com certeza estavas a sonhar quando fizeste semelhante apreciação. Só te digo que, se ela correspondesse à verdade, tinhamos Hollywood ali ao pé da Malveira. — Deixa-me dizer-te que também não acho a Hedy Lamarr «horrível». Não te esqueças de me dizer a que horas pões o teu caixote do lixo à porta, para eu lá ir buscar alguma daquelas coisas que com certeza tu corres à vassourada.

601 — MARIVILA *(Lisboa)*. — Tive um bocado de dificuldade em saber onde é a «Cinelândia portuguesa» a que te referes. Quero crer que seja a Tobis. Para ingressares na constelação portuguesa que tão pàlidamente alumia os horizontes do nosso Cinema deverás enviar a tua candidatura, acompanhada de fotografias, para a Tobis Portuguesa, Alameda das Linhas de Tôrres, Lumiar.

602 — BEIJEI, ETC... *(Pôrto)*. — Ficas intimado a mudar de pseudónimo. A minha comissão de Censura não autoriza que apareça mais nestas colunas. Deverias arranjar outro que se coadunasse mais com a indole desta secção. Combinado? — Talvez te tenhas enganado com respeito à minha identidade!... Mas talvez não, como diria o Pirandello, em casos semelhantes... — A tua carta foi transmitida oportunamente.

603 — BEL, O PIRATA *(Évora)*. — Não me custa nada a crer que *Ninotchka* te haja entusiasmado! O contrário é que me surpreenderia. — A correspondência que todos vós dirigiram para o *Cine* está amorosamente arquivada na Casa Forte dum dos Bancos de Lisboa. — Quanto tempo aguardarás a foto que solicitaste de Maria da Graça? Receio muito que seja tôda a vida e mais seis meses! — Os filmes da Família Hardy não obedecem a uma seqüência determinada. As histórias são independentes umas das outras. Quanto a mim, o melhor é *O Novo Amor de Andy Hardy*. Notável, e profundamente humana!

604 — PETRÓNIO I *(Lisboa)*. — É conveniente adoptares outro pseudónimo, para evitar confusões. Já cá temos um *Petrónio*. Agora aparece um *Petrónio I*. Calcula tu, se todos os leitores adoptassem o nome do árbitro da elegância da Velha Roma, seguido dum número de ordem, a trapalhada que era nestas fileiras!... — Dizes-me que queres tentar o Cinema, como simples figurante que seja. Não me parece difícil satisfazer êsse teu desejo. É uma questão de oportunidade. Tenta.

605 — PRINCIPE KATCHU *(Leiria)*. — A ideia do calendário perdeu a oportunidade. No entanto, obrigado, pela sugestão. Podes escrever, em português, à Deanna Durbin, para Universal Studios, Universal City, Califórnia. É conveniente enviar 25 cêntimos de dólar. De contrário, arriscas-te a receber uma carta a solicitá-los. O que não quere dizer que não recebas gratuitamente a foto. Quaisquer dos casos, se têm verificado, quási ao mesmo tempo!

606 — NEGRÃO QUE É BRANCO. — Escolhi êste pseudónimo, não por que o ache um modêlo de bom gôsto, mas sim, porque o outro que sugerias, *Romeu sem Julieta*, pertence já a um leitor de Rio Maior. — Judy Garland tem hoje desanove anos. Já está menina casadoira, como vês. Escreve-lhe para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

607 — ESTUDANTE COIMBRÃO *(Castro Daire)*. — Também eu tenho imensa pena das respostas estarem tão atrazadas Mas como queres tu que eu recebendo, pelo menos, 30 cartas por dia ou sejam mais de 200 por semana, possa ter a correspondência actualizada? — É certamente lamentável a desorganização das casas de espectáculos que apontas. Mas é muito simples: Faz uma exposição à Inspecção Geral dos Espectáculos, Ministério do Interior, Lisboa, pois é esta entidade que tem por missão remediar os males que apontas.

608 — FOTOGÉNICA *(Lisboa)*. — Respondo àquela carta que tu intitulaste: *5.ª carta sem resposta!* — Não resisto à tentação de transcrever a tua apreciação sôbre o *Leão tem asas*: «Uma coisa parecida com o «Pão Nosso».

609 — LUSITANO — *(Barreiro)*. — Joan Fontaine e Olivia de Havilland são irmãs. — Betty Grable é considerada uma das mais esculturais mulheres da Cinelândia. Foi o seu corpo prodigioso que inspirou a «Venus Moderna», de Russel Patterson. — O Cinema colorido, não tenho dúvidas, é o Cinema do futuro. Dentro de alguns anos, quando «a côr» fôr menos dispendiosa, o Cinema a preto e branco será tão anacrónico como o mudo.

610 — MARIA DE LOURDES *(Aveiro)*. — Lana Turner é, de facto, uma das «sensações» da América. Em Portugal, ainda não apareceu, muito embora estejam anunciados dois filmes onde ela intervem: *O A. B. C. da Folia* (Dancing Co-Ld) e *Curvas Perigosas* (Two girls on Broadway). Lana foi casada com Artie Shaw, maestro célebre, de quem se divorciou, mais tarde. — *Meet John Doe*, de Capra, não será exibido esta temporada. — *Branca de Neve* ainda não foi exibido em Espanha.

611. — ROSA DE CHÁ *(Lisboa)*. — Saudo-te, nesta tua primeira aparição! — Ida Lupino é inglesa. Nasceu em Brixton. É ainda aparentada com Lupino Lane, o cómico que te referes. Podes escrever-lhe para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia.— *Lôbos da Serra* encontra-se na fase final do trabalho nos estúdios. *Ala Arriba*, de Leitão de Barros, deve iniciar-se por tôda a semana que vem. — *Maria da Fonte* não deverá iniciar-se, tão cêdo. — Um bom filme espanhol? *Marinella*, de Perojo.

612 — SILVA DURÃO *(Tomar)*. — Podes escrever a Tereza Casal, por intermédio do *Animatógrafo*. Idem, idem, no que se refere a Maria Domingas. A não ser que prefiras enviar a carta directamente, para a Tobis Portuguesa, Alameda das Linhas de Tôrres, Lumiar. — Orson Welles está de facto, na berra, na América inteira. O seu filme *Citizen Kane*, de que êle foi actor, autor, realizador e produtor, constituiu um êxito clamoroso. — Escreve sempre que queiras.

613. — O REI DO SPORT *(Lisboa)*. — «O desporto é indispensável para o cinema». De facto, assim é, dentro de certa medida... Não se segue que um bom jogador de «foot-ball» tenha o lugar garantido, como actor, pelo simples facto de ser um jogador de classe. Frizo êste ponto, porque parece concluir-se, da tua carta, que a condição n.º 1 para entrar no estúdio era a de ser bom desportista. — Johnny Weissmuller, talvez por ser melhor nadador do que actor, continua à espera de outro Tarzan, que o ponha de tanga diante da câmara.

614—ADMIRADOR DE MYRNA LOY *(Viana do Castelo)*. — Myrna, a menos que se trate dum truque publicitário de mau gôsto, divorciou-se, de facto, de Arthur Hornhlow, a quem deve a própria carreira. Dêstes exemplos, estão Hollywood e o Inferno cheios... — Podes escrever a Joan Cawford para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Ginger Rogers, RKO-Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia.

614-A — AMOR DE ESTUDANTE *(Penafiel)*. Fizeste muito bem em escrever-me. Mais vale tarde do que nunca.—O Pôrto de facto, está de parabens. Alguns dos melhores filmes têm tido ali a sua estreia em Portugal. — Obrigado pelas palavras amáveis que diriges a *Animatógrafo* e aos seus redactores.

615—FAN DE ALICE FAYE *(Lisboa)*. — Podes escrever em português à vedeta que é objecto da tua admiração. Endereço: 20th Century—Fox Studios, Box 900 Hollywood, Califórnia. — Sou alto, sim, mas não uso óculos. A propósito: o que tem que ver esta pregunta com o cinema? — Estudaremos a possibilidade de dar, conforme pedes, alguns argumentos romanceados.

616 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)*. — O postal que me escreveste vai contribuir, pela certa, para a miopia de que os meus olhos sofrerão, daqui a alguns anos. — A loirinha de *Braço Dado* a que te referes é a June Preisser — Judy Garland está à beira dos vinte anos. Alguns filmes dela: *Parada Maravilhosa de 1938*, *Vamos Raptar a Mamã*, *De Braço Dado*, *O Feiticeiro de Oz*, etc. — Éste leitor saúda as consulentes desta secção e nomeadamente *Antinea*, *Colombina sem pierrot*, *Sonhadora* e *Benjamina*.—Suponho que o filme *One night in Lisbon*, a ajuizar pelo resumo do argumento vindo a lume numa revista americana, se passa mais em Londres, do que em Lisboa.

617—Y LOVE YOU HELEN *(Lisboa)*.—Pedes neste teu postal que te responda a preguntas formuladas numa carta que me escreveste, logo após a saída do n.º 3.—É claro que a resposta já apareceu há muito. Limito-me, pois, a saudar-te, efusivamente.

618—BOB TAYLOR *(Lisboa)* —Transcrevo parte do teu postal: «Já sei ou por outra já calculo o que vai acontecer a êste postal. Vais juntá-lo a outros,

LEITORES!

Inscrevam-se sem perda de tempo no «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO»

Muito brevemente os sócios de Lisboa receberão os bilhetes para o primeiro espectáculo

FEIRA DAS FITAS

(Conclusão da pág. 15)

Tabatinga, com referências aos Incas, cujos tesouros teriam excitado a cobiça de certos exploradores em busca de um templo onde os índios sepultavam os chefes.

A acção, no género, interessa. Abundam os aspectos selváticos das florestas, macacos e outros animais de circo, ferozes tribus guerreiras, entre as quais uma que se dá ao desporto de coleccionar cabeças humanas...

Amenisa as vicissitudes da expedição uma linda figura de mulher que passeia, pelas selvas, vestidos do mais elegante corte como se estivesse na Quinta Avenida. Essa viuvinha, que transtorna a vida serena de Douglas Fairbanks Júnior e de John Howard (dois amigos que por causa dela passam a odiar-se) é interpretado por Joan Bennet. Noutros papéis vemos ainda Francis Mac. Donald, num tipo expressivo; George Sanders, Alan Hale e George Bancroft. — A. F.

«OS FUGITIVOS DA GUIANA»

(Strange Cargo)

Não é o ser vulgar ou invulgar que dá ao filme categoria. Faz-se um filme invulgar com um argumento que seja diferente das histórias de amor habituais ou com uma original encenação. Mas o filme invulgar pode ser uma extraordinária e incalculável estopada enquanto que com filmes vulgares feitos sôbre qualquer história banalíssima, com os mais singelos métodos de realização e montagem se podem apresentar obras-primas. Se são boas fitas, vulgares ou invulgares, umas porque do neutro fizeram garrido, outras porque do velho fizeram novo — são sempre boas fitas. Se são falhadas, a obra invulgar é geralmente um exemplar completo de exagêro e de pretenciosismo enquanto que a fita vulgar mal feita ou feita sem interêsse entra na categoria das fitas «vazias» que «não dizem nada» e de que se não fala mais.

Enfim, tudo isto que o nosso Ignácio da Purificação resumiria dizendo que o que é bom é bom e o que é mau é mau, visa ser prólogo duma conclusão. É que enquanto a fita vulgar pode ser razoável, com alguns aspectos que a redimam (interpretação, diálogo, argumento, fotografia, realização, etc.) aspectos que lhe dêem categoria de suficiente e aceitável, a fita invulgar não suporta meio têrmo: ou sai completamente falhada ou é obra de interêsse.

Os *Fugitivos da Guiana* — é uma fita invulgar que resultou. Resultou porque tratando os assuntos mais árduos e ousados soube manter sempre os limites aceitáveis, conseguindo juntar algumas situações com os aspectos mais contraditórios que se possam imaginar. Numa fita de aventuras tratou-se um assunto religioso e conseguiu-se imprimir religiosidade aos momentos mais ferozes e brutais do filme. Apresentando violência e dureza mostrou-se conversão e arrependimento. Além disso, dentro do assunto, o problema religioso foi colocado num nível médio, em tôdas as direcções, de que resultou não se atacar nem defender nada que possa ser nomeado, além da noção cristã de dever e arrependimento.

O entrecruzar das psicologias mais variadas e das situações mais apaixonantes foi hàbilmente misturado n assunto principal da fita — que é acção do místico Cambreau (Ian Hunter) de tal maneira que só nas últimas imagens o facto se deixa apreender completamente quando nos começa a preocupar mais quem será aquele homem do que o conflito amoroso que faz «bluff» fingindo que é o mais importante. Desta grande habilidade de adaptação cinematográfica resulta em grande parte o interêsse que toma a platéia. Honra por isso a Lawrence Hazzard autor da adaptação cinematográfica.

Frank Borzage dirigiu êste filme e merece francos elogios pelo cunho vigoroso que imprimiu a tôdas as cenas, pela feição que deu ao papel de Ian Hunter e ainda como levou a máquina (e a luz!) até ao vilão Henler (Paul Lukas) conseguindo criar nêle um símbolo do espírito satânico e inconvertível, numa oposição a Cambreau que quando «repensamos» a fita verificamos ter estado sempre completamente perfeita, desde a primeira discussão na camarata até à última conversa em que se despedem «para nunca mais se encontrarem».

Também a interpretação contribuiu e grandemente para o êxito desta fita que se era perigosa, mercê da conjugação de tantas qualidades resultou uma bela obra.

Glark Gable no seu papel do Verne violento e agitado encontrou mais uma personagem à sua maneira que, claro, fez admiràvelmente.

Joan Grawford, arriscando o seu prestígio de mulher numa figura de mulher que tem de ser feia, maltratada, uma mulher que passa tormentos, que ama e se redime pelo amor, teve uma das suas mais vigorosas criações dos últimos tempos.

Paul Lukas, Albert Decker e Cianelli são também dignos de muito especial menção pelo seu trabalho.

Ian Hunter que interpreta, afinal, o principal papel do filme pela tonalidade mística que imprimiu ao iluminado Cambreau, pela dicção em especial e representação em geral merece ao lado de Gable e Crawford entrar nos lugares de honra.

Boa fotografia de Robert Planck — F. G.

«A VINGANÇA DE KIT CARSON»

(Kid Karson)

A tendência natural dos realizadores que se metem a encenar filmes de acção e aventuras, é dar aos diálogos e à montagem um ritmo nervoso e sincopado, feito de oposições brutais e de contrastes fortes. É natural — mas nem sempre resulta natural. Porque a verdadeira aventura é serena, e grave, e séria; e os verdadeiros aventureiros são calmos, e sizudos, manifestando a energia pelo sangue-frio e não pela precipitação. Distingue-se assim muito fàcilmente um bom dum mau filme de aventuras.

Ora «A Vingança de Kid Carson» é um óptimo filme de aventuras.

George B. Seitz, que foi actor, e companheiro de Pearl White em acidentadas fitas em séries, levou a extremos subtis o axioma que enunciámos. Os seus herois representam com uma tranqüilidade perfeita, sem perder nunca as estribeiras nem «armarem ao efeito». Os lances dramáticos em que se aventuram resultam assim duma naturalidade inequívoca, recordando as melhores páginas de Fenimore Cooper, êsse clássico do destemor.

Servida por uma fotografia de primeira ordem, a paisagem que serviu de fundo à «Cavalgada Heróica» ressurge na tela branca em todo o seu esplendor. A maior parte das filmagens foram feitas com o sol a pino, com a sombra debaixo da barriga dos cavalos, sem prejuízo da suavidade, o que é de molde a fazer sonhar muito menino-operador. E os intérpretes, tirando Lynn Bari, que só uma flagrante semelhança física com Claudette Colbert justifica que a tenham metido nestes assados das fitas, e Charles Henry Gordon, que nos dá mais um dos seus excessivamente intragáveis generais mexicanos, são todos muito bons, principalmente os homens. Aliás, no filme, só entram três mulheres, duas delas em papéis secundários.

O terceiro da frente é chefiado por John Hall, galã dum tipo novo, mais belo que Gary Cooper e quási tão «ingénuo» como James Stewart. É o perfeito «scout» e tem uma voz que lembra, pelo arrastado, a de Henry Fonda.

Só não percebemos duas coisas: porque motivo se chamou ao filme «A Vingança de Kit Carson» quando Kit Carson se não vinga de coisa nenhuma, e porque o Coliseu, se queria dar, como dá, apenas um intervalo, suprime o intervalo que é lógico, entre os complementos e a fita grande, e mantém o ilógico, o absurdo intervalo a meio do filme, agravado com a passagem dum «trailer» entre duas cenas de «Kit Carson»!

Já é vontade! — A. L. R.



O realizador Adolphe Rabbitt vai produzir um novo filme e convidou para seu assistente geral o conhecido crítico Robert Noble, com a condição dêste levar, durante as filmagens o livro da sua autoria, a fim de fiscalizar as ideias e os planos de realização. Por cada uma que já venha no livro o realizador paga dez tostões e pede desculpa.

——O escritor John Basts e o futuro produtor Arthus Dewart estão a proceder à adaptação cinematográfica da comédia do primeiro «The Coast of the Castle», que corresponde em português ao título «O Costa do Castelo». Aquelas entidades têm já muito completo o plano de urbanização da «Costa do Castelo». Entre os melhoramentos que vão ser introduzidos figura um «gros plan» do Castelo, um «travelling» das escadinhas de Ponte de Lima. A rua de S. Cristóvão ficará em «fondu», o Largo dos Loios será asfaltado a «plongée» e a esquadra do páteo de D. Fradique será restaurado e com uma porta nova fechada a «encadeado».

O HOMEM SOMBRA

O Correio de Bel Tenebroso

(Conclusão da pág. 17)

para responderes de uma assentada a 5 ou 6, mas não está certo. Nós, escrevemos-te, para entre muitas razões, tornarmo-nos célebres na tua Secção, e, é essa celebridade que nós queremos alcançar que tu dificultas». No momento em que centenas e centenas de outros leitores, (que me escrevem, não «para se tornarem célebres» (?) mas no desejo de obter informações e esclarecimentos) se acumulam, na minha frente, não posso proceder doutra forma. Tem paciência amigo. —Alice Faye e Annabella: 20 th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia.—Ann Miller e Anna Neagle: R. K. O.—Rádio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Bob Taylor saúda *Benjamina* e *Antinea*.

619 — Y AM CHARLES BOYER *(Mortágua)* — A carta para Maria Domingas foi oportunamente transmitida àquela simpática artista.—Sempre que é possível, o Director de *Animatógrafo* dá mais espaço vital a esta secção. Mas nem sempre as circunstâncias se proporcionam nesse sentido.

620—DERAM-LHE UMA ESPINGARDA *(Lisboa)*—*Irene* era um filme muito agradável e incontestàvelmente superior a *Não, não Nanette*.—Êste leitor saúda *Fotogénica*, *Donalda*, *Princesa dos Diabretes*, *Dinhamá Brunhilde*, *Princesa da Meia Noite*, *Shirley Aviadora*, *Princesa da Selva*, *Antinea* e *Sem amor* e agradece e retribui as saúdações de *I am Charles Boyer*.

621—CINÉFILO JÁ MADURO *(Lisboa)* — Escreve a Merle Oberon para United Artists Studios, 1040 Formosa Avenue. Hollywood, Califórnia.—Títulos portugueses e títulos originais dos filmes que pedes: *O Monte dos Vendavais* (Wuthering Heights), *Escândalo na Sociedade* (The Cow-boy and the lady), *Querо viver na Lua* (Over the moon), *O Divórcio de Lady X* (The Divorce of Lady X). — É natural que Merle Oberon envie a foto sem exigir a remessa de dinheiro. as, se quiseres ter a certeza de ser atendido, junta ao pedido 25 centimos, moeda americana.

628 — GOSTO DE MORENAS *(Lisboa)*. — Sê bem aparecido leitor amigo. — Deanna Durbin concluiu, há pouco, *Nice Girl*, com Franchot Tone. Antes disso, interpretou *Spring Parade*. Êste ano veremos ainda *Data Memorável* (It's a date), que foi estreado no Pôrto.

Bel-Tenebroso


SONORO FILME
vai apresentar a notável produção de
SAMUEL GOLDWYN
dirigida por WILLIAM WYLER
com o grande actor
Gary COOPER
UNITED ARTISTS
A Ultima FRONTEIRA
(THE WESTERNER)
Notabilíssimo desempenho de WALTER BRENNAN, que ganhou o 2.° Prémio das melhores interpretações, concedido pela ACADEMIA AMERICANA • «Clous» sensacionais e um interêsse crescente que se mantem até à última cena desta famosa produção.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



LUCILLE BALL, da RKO, encontadora actriz que filma para Harold Lloyd e àcêrca da qual publicamos um artigo esta semana

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: ROBERT TAYLOR